

Salomão Rovedo

Nos tempos d'



**Rio de Janeiro
2018**

Introdução

Esta é uma reunião de artigos e poesias que foram publicados entre 2004 e 2005 na Revista Eletrônica **A Confraria**, fundada pelo médico escritor Dr. Nelson Marins (cuja narrativa cáustica dissecava os bastidores políticos de Brasília como um legista), que conheci graças à jornalista, escritora, poeta e artista plástica Xenia Antunes.

Desde a primeira leitura senti que **A Confraria** expressava meus próprios sentimentos – e os de milhares de leitores – numa época em que a censura era exercida pela “democracia” do PT e associados, que tinham assumidos o poder.

Pouco depois, após várias ameaças de processar a Xenia Antunes pela série magnífica *Desconstruindo Lula*, a revista minguou, restringiu as colaborações e me transformei em leitor, grande amigo e incentivador de Xenia Antunes e d'**A Confraria**.

Dez anos depois, após ataques de infartos, cânceres e outras quizílias mais, Dr. Marins e Xenia Antunes enterraram **A Confraria** com honra e glória. Isso porque a grande maioria do que foi nela denunciado infelizmente muito cedo se realizou – que o digam as investigações e processos realizados pela polícia e juizados federais.

A corrupção no país grassou de tal modo que atingiu não só os Três Poderes, mas também os poderes paralelos: a OAB, os Conselhos Federais, os Tribunais de Contas, as entidades empresariais e, por incrível que pareça, as organizações criminosas de várias siglas.

“Eles não irão paralisar o país”, disse numa gravação um político ao empresário que o ouvia. Essa era a certeza da impunidade que pretendiam ter, mas, neste momento o país tem a oportunidade de se transformar numa grande nação.

Resta saber se os membros corruptos, nomeados por políticos corruptos, infiltrados nas cortes e tribunais superiores – dos quais todos nós sabemos os nomes – terão poder suficiente para abafar a Voz da Liberdade. Caso contrário, só se resolverá o problema à bala!

Rio de Janeiro, Cachambi, 28 de dezembro de 2017.

Parte I

O livrepensar

Abgar Renault – O poeta no sebo

“No poeta, quebra-se o elo da transmissão: o indivíduo, por instantes, opõe-se à sociedade – consciente ou inconscientemente – e, com os mesmos processos de língua-social – também consciente ou inconscientemente – cria os seus valores individuais, sua língua-indivíduo: estilo”.

Antônio Houaiss, Seis poetas e um problema, MEC, 1960.

Para o leitor apaixonado a poesia traz segredos e com eles o mistério. Cada livro é portal para o deslumbramento: o poeta lido e relido se transforma em novo autor a cada vez, o livro reaberto é renovação, nova ideia, redescoberta, ritmo intenso, imagem fixada. A poesia não envelhece e o encontro com ela às vezes se faz por osmose, atração indescritível, escondida em meandros, ritual vodu, hipnose, magnetismo, sonho, incenso e tarô.

Fiquei abismado, de olhos escancarados, ao desenterrar num sebo o volume Obra Poética (Record, 1990), que junta os livros *A outra face da lua* (1983), *Sonetos antigos* (1968), *A Lápide sob a Lua* (1968), *Sofotulafai* (1971), *A princesa e o pegureiro*, *Cristal Refratário*, *Íntimo Poço*, *Thanatos*, *O rio escuro*, estes últimos até então inéditos.

A posse da raridade provocou um desvario, uma iluminação, diante da lírica irreprochável, poesia de veias cardíacas, que varre vísceras, estremece artérias, por isso mesmo contemporânea, orgulhosa de pertencer à elite cultural pós-modernista. Singular. E plural. Falo de Abgar Renault.

Foi difícil o poeta aparecer, sair do casulo que o retinha, os entraves profissionais: político, educador, diplomata. Isso suscitou revolta em amigos, que o intimaram a dar a poesia para publicação. Abgar Renault provocou entusiasmo em Tristão de Athayde ao desvelar as determinantes do poeta cuja obra o anunciava *“tão clássico em sua modernidade”*.

Outros se debruçaram curiosos ante a claridade despendida pela escrita que não perdia a alma e avançava resoluta para o futuro. Carlos Drummond de Andrade, amigo do "admirável e esquivo poeta", estranhou haver nestes tempos *“um autor fugindo*

a ser editado". Foi dos que não descansaram até que Abgar Renault resolvesse se entregar ao sétimo dia da criação. Coube ao editor José Olympio fazê-lo perder a fama de ser *"um poeta avesso a aparecer em livro"*. Finalmente poderiam dividir com o poeta de Itabira a poesia que trazia em seu cerne *"uma aguda visão do mundo e do ser, envolta em magia verbal"*.

Uma noite marcha sobre mim

Eu carreguei o meu corpo de abelhas e relâmpagos
e me escorri em sonho e sede à tua espera,
e o meu planeta descreveu a órbita infinita da esperança de ti
com os seus rebanhos de incêndio e desespero.

Sonhei-me lã sobre as tuas espáduas escarpadas,
pele sobre a tua, escamas, tempestade e erosão
em todo o curvo território das tuas arquiteturas,
fulvo campanário a clamar por tua constelação.

Banhei de ávido vinho as praias e as escadarias
onde surgiria o sol do teu tropel universal,
tingi de esmeraldas e sabores o dia complexo,
dei à sombra o esplendor de límpido metal.

Não sei o que sonharam dentro de mim estas mãos e esta boca,
mas eu esperava ser a tua habitação e habitar-te
com a fluida força, o solto peso e a exatidão
com que a água no côncavo busca a forma.

Por que se nublou e desfolhou o cristal interior
em que vacilavas para a minha escarpa? Por que rolaste
do fio de um minuto, pelo outro vértice,
desaparecendo sob o olhar estéril do meu pântano?

Sem sonho gritam meus olhos na oceânica solidão,
recuam palavras partidas e beijos derrotados,
estiram-se meus braços como trilhos para nenhuma viagem,
e uma noite marcha sobre mim cheia de frutos rotos, luas
arruinadas
e cemitérios.

Toda estrada parece de fácil trilhar uma vez percorrida.
Abgar Renault optou inventar uma poesia íntima e universal, sem
associação a escolas e institutos capazes de determinar fronteiras

ou limites. Livre, simplesmente livre, como deve ser todo artista, para correr as trilhas, expandir-se a limites intoleráveis.

Dono de produção absolutamente impecável, Abgar Renault foi quem primeiro estabeleceu com nitidez o domínio imaginativo do contraste, festejando com instigação o claro-escuro, a cor e gris, a luz e sombra, a fealdade e beleza. Poesia integrada às demais artes, transitando o âmago, o circuito periscópico do destino humano.

A linguagem depurada, inata em Abgar Renault, foi fundamental para que expoentes rendessem exaltada admiração, citando-o como exemplo pós-modernista:

“Poderosa linguagem lírica, sempre associando a vocação especulativa à sensibilidade que não recusa problemas humanos”, além de considerá-lo “uma das chaves que explicam a projeção e o prestígio da poesia brasileira contemporânea”. (Adonias Filho).

A poetisa Henriqueta Lisboa ficou impressionada com a inviabilidade de Abgar Renault, édito apenas para poucos privilegiados. Desconhece o talante em se manter escondido, mas não deixa de ressaltar os méritos:

“A construção do seu poema se recorta em técnica delicadamente geométrica, sem espriar de sentimentos nem respingos de espuma”.

Curioso é que o mesmo soco que me agrediu agradavelmente ao conhecer Abgar Renault, tenha outrora atingido o poeta Mário Chamie:

“A poesia brasileira alimenta, ao longo de sua história, um jogo de oposições e contrastes. Esse jogo não implica necessariamente rivalidade mortal dos polos opostos, de tal modo que um sobreviva à custa da exclusão do outro. A tradição dos opostos pendulares de nossa poesia não elimina os contrários. Não. Na verdade, o que ela estabelece é uma transfusão das substâncias próprias de cada um. Transfusão sem a qual nem um nem outro subsistiria”. (Mário Chamie-Enigma: Claro e Escuro-O Estado de São Paulo, 1984).

O poeta concede vênias ao rigor classificatório que incita a santificação de poetas titulares, mesmo à revelia dos mesmos:

“A tradição dos contrastes em nossa poesia, talvez, já seja a evidência de que é impossível definir a sua substância, a não ser considerada ela própria um enigma. A poesia brasileira, nesse sentido, acolhe a realidade nuclear desse jogo. Passa por ela o corte transversal da duplicidade básica em que a luz se opõe à sombra, o claro se opõe ao escuro.”

Entre o claro-escuro se oculta o arco-íris, figura permanente na ótica de Abgar Renault. O enigma que excitou Mário Chamie levando-o a realizar o famoso ensaio enfrenta a disparidade paralela de poetas do naipe de Gregório, Drummond e Abgar. Interessa-nos o último:

“Refiro-me a Abgar Renault. Ele não está entre Gregório de Matos e Carlos Drummond de Andrade. Abgar Renault situa-se no centro daquela indagação, com a independência de quem refaz a substância do poema, na sua vivência e na visão que tem de si mesmo e do mundo”.

Por fim, Mário Chamie – com lucidez e clareza – enquadra a poesia de Abgar Renault numa dimensão sem molduras:

“Se Abgar Renault é uma primeira pessoa plural e sujeito do verso que conjugamos, o que ele fez de si, o fez para nós no melhor legado da nobre tradição de nossa poesia.”

Isso se pode ler claramente em:

Perguntas ao crepúsculo / I

Mas por que tamanho azul?
Por que parado em silêncio
esse automóvel sem cor?
Quem veio, quem voltará?
Por que também esta grama
e tantos passos ausentes?
Por que escrevo cartas velhas,
nova letra, verde tinta,
desesperadamente,
à estrela Alfa ou Gama,
que, clara, tão clara, pinta
de surdo luto e segredo
o raio de lua e sol?
Por que hoje uma fita escura
a marcar página em branco

neste livro em minha mesa?
E uma garrafa de vinho
– púrpura, vívido e bêbedo –
por que na frente de mim,
sem mãos, sem lábios, sem copo?
Por que nos olhos, no ouvido,
sem o possessivo minha
a curva concha marinha
cheia de mim e sonatas
de Mozart – frágeis, mas sempre?
Por que não ser sequestrado
pela resposta à pergunta
sepultada em meu peito?
Por que, para ser feliz,
por que, para que não o ser?
Por que contabilizar
arcaicos números mortos,
buscando débito e crédito,
e procurar receber
escassos, dúbios cifrões
há tanto tempo caídos
em exercícios já findos?

Para ver como são as coisas: nem sempre a reta é uma reta. A palavra de Carlos Drummond de Andrade veio cedo, mas ficou contida nas fronteiras de um espaço em que Abgar Renault ainda não transitava plenamente, claro, o poeta iria crescer:

“Abgar Renault figura numa antologia de poesia moderna como poderia figurar – se tivesse idade provecta – numa antologia dos últimos parnasianos. Não esquecer que começou modelando 'sonetos antigos', num tempo em que Bilac apenas se despedia com A Tarde e a poesia chamada modernista era apenas um poema de Manuel Bandeira, no Malho: “Quando perderes o gosto humilde da tristeza...” (Carlos Drummond de Andrade: O Pessimismo de Abgar Renault - in Confissões de Minas, 1944).

O Modernismo se transformou em rotundo fracasso para alguns setores da elite cultural, mas na poesia passou de passagem apenas, animando as almas com o hálito renovador, sem precisar destruir para vingar. A poesia bebeu o néctar do Modernismo para crescer e desmamar. Abgar Renault – de sólidas humanidades – reinventou, na série de 24 sonetos (Sonetos Antigos, 1923), a emoção camoniana, justamente na época que se

aferventava o Modernismo na boca do vulcão cultural que era o eixo Rio - São Paulo.

Depois restariam apenas espaçados rescaldos em alguns cantos, antes de se transformar em fumaça. Nem mesmo Carlos Drummond de Andrade poderia antever em Abgar Renault o poeta despudorado que trespassaria movimentos literários com liberdade e poder, voz impecável, acima de tudo e de todos, à qual não se poderia mover crítica ou censura.

Quando Abgar Renault faz poesia todos se calam:

“Mas vem o modernismo e Abgar Renault é situado nele sem perder sua característica fundamental, o culto às formas decorosas de expressão. Nessa imensa falta de respeito que foi o modernismo, Abgar conservou o respeito próprio e o respeito dos outros.” (Carlos Drummond de Andrade, cit.).

Dentro dessa poesia de caráter mágico descobre-se abismado o mundo particular dos sonetos de Abgar Renault. Quando lidos assim, metidos em máscaras de carnaval veneziano, escondido entre florestas de poemas, os sonetos de Abgar Renault conseguem passar livres. Mas basta uma visão mais atenta para ver que o espaço que medeia um soneto e outro é ocupado por uma espécie de viaduto sentimental, humano, caloroso.

Há um invisível, mas claro-escuro elo entre os sonetos. Neles Abgar Renault se solta, se desnuda por inteiro, sem pudor, sem freio, sem limitação. Foi sob a forma do soneto que Abgar Renault escolheu tratar temas íntimos, dar recados cabalísticos, falar como se estivesse juntinho, conversando na intimidade quando o tema era o amor, o erotismo, a paixão da mulher amada, a amizade, o apego.

Entremetidos nos poemas, os sonetos de Abgar Renault provocam sentimento maior que unidade, ultrapassa mais além das fronteiras da íntima cumplicidade. Não se trata de semear toda a poesia nos catorze versos que compõem o soneto clássico. Ao compô-los o poeta caminha pelas frases com calma de asceta, a tranquilidade de quem dá os primeiros passos para correr a longa estrada.

E quando o soneto chega ao fim deixa ao leitor a sensação de que tudo foi dito, com todas as palavras, sem economia, sem contenção, sem a concisão estética, sem agredir a gramática,

principalmente, sem economizar beleza, em versos que acumulam som, cor, luz, perfume, gosto. É a sensualidade de sabor bíblico, “*estes rosais do último céu desperto*”, imperceptível às leituras apressadas.

Tais detalhes compõem a qualidade da poesia de Abgar Renault que Carlos Drummond de Andrade quis destacar quando fuzilou a “*imensa falta de respeito que foi o modernismo*”, evidentemente referindo à tentativa frustrada de Mário de Andrade de impor uma fala brasileira a nível cultural e estético. Mas havia essa imposição mesmo ou foi defeito de interpretação?

Mário de Andrade cita o fato:

“*Meu destino é viver e dentre estes que andaram modificando a maneira de ser artística dos brasileiros, na certa de que sou dos mais vividos. Isso eu gozo. Às vezes, está claro, me irrita a maneira com que tendências sérias, elevadas e sinceras, em que me meto, sejam reduzidas a pó-de-traque pelos continuadores. Como é o caso do brasileirismo, e o caso da língua, problema tão nítido na minha inteligência desde o princípio e que foi pavorosamente, enjoativamente desvirtuado por todos os que não compreenderam a parte puramente experimental da aquisição de estilo e principalmente de enunciação de caracteres não fixos, mas generalizáveis da nossa maneira de pensar e sentir, e conseqüentemente de exprimir.*” (Carta a Prudente de Moraes, neto). Georgina Koifman–Ed. Nova Fronteira, 1985).

Guimarães Rosa, sim, entendeu o espírito da coisa, ao atracar sua espetacular obra ao brasileirismo que Mário de Andrade referiu, apesar da língua do autor de Grande Sertão: Veredas estar restrita às fronteiras interiores da gramática.

Mas se Abgar Renault “*conservou o respeito próprio e o respeito dos outros*”, certamente não deixou de percorrer outros destinos, porque tem a natureza do experimentador, do aventureiro que tudo explora, sabendo que todo caminho deve ser percorrido como uma estrada de curvas desconhecidas, inesperadas escarpas e desfiladeiros, desafios permanentes. Essa impressão resulta da feitiçaria imposta pela descoberta desse novo poeta, que alia a natureza animal da poesia à liberdade de escrever, “*porque o sopro de uma treva contagiosa / influiu, passando, a minha forma e coloriu o meu olhar*”.

E assim, livre e sem cabresto, sem medos, frequenta salões e catedrais com a mesma dignidade do cárcere, da capela mais simples. Usa de todas as formas sem se envergonhar nem se prender. “*O poeta mete a língua na vida alheia, na língua alheia, na obra alheia, na dor alheia e na própria dor*”. O que disse Cacaso de Glauco Mattoso serve a Abgar Renault.

A vida tem uma faca na mão

Vamos parar de ler. Paremos de escrever.
Olhos e mãos circulam no papel
ao serviço da dor e da desgraça,
mas as palavras são frias e sem fel
para exprimir o desespero dessa taça.

Ninguém sabe escrever. E ninguém pode ler
o que fica, depois de tanta luta fútil,
a escuridão desvirginada do teu ser
na indiferença de uma folha de papel.

Hoje, ontem, amanhã – amanhã sobretudo –
a vida sempre tem uma faca na mão,
vai sob as unhas, vai direto ao coração,
dói nos olhos, nos pés, dói na alma, dói em tudo,
torna toda a poesia um jogo raso e inútil.

Abgar Renault, poeta consciente e livre, manteve-se encolhido no limbo premeditado, com medo da “*poesia equilibrada, consciente, silogística, que nasce, cresce e se conclui como um teorema ou uma fórmula estatística...*”

Se necessário fosse, não teria pejo em usar a gramática inteira, o passado e o presente, pois tudo que cria o faz com palavras e paisagens que tem à mão. A técnica apurada não se preocupa em ser adjetiva, substantiva, concisa ou contida, se a fórmula vier danificar a ideia, desequilibrar, destruir.

Aplica ao sonho e à matéria mais imagem, é fantástico na descoberta de novas e belas construções, extraordinário no detalhe, insuperável nas cores e luzes. Encontrou soluções esmeraldinas, até mesmo para as imagens e fotografias desgastadas pelo uso contumaz. Não é fácil, não, nada é truque, principalmente porque “*chega um momento em que a vida é distância, e tudo é tarde*”.

A literatura, como a vida, cobra audácia. Mas sem abusar e sem pecar, a não ser por excesso. E pecar, se peca com prazer, porque se traz o prazer de ler a poesia de Abgar Renault, o que jamais será excessivo, porque para nós – e para o próprio poeta – o *“viver passou aqui: foi asa / e um dizer de pássaro remoto”*.

A descoberta dessa poesia atualizada, didática e exemplar, obriga expô-la, para que sua leitura transmita a sensação de felicidade e alegria de conhecê-la. Apesar de Abgar Renault obedecer nos sonetos à forma tradicional, sem excessos, em outras poesias flui a mesma cumplicidade honesta, tanto em emoção quanto na temática.

Os sonetos são reflexos de coisas, situações, crenças, ideologias e fatos pessoais ou extraordinários. Não há neles uma unidade, nem isso é necessário, mas sim uma forte identidade, cúmplice, irmã, uma intimidade impúblicável, parentesco excessivamente familiar. Uma sala, um espelho, quase sempre presentes guardam íntima versatilidade e desavergonhada pureza, um *“silêncio de sombras entre folhas”*.

Enquanto pode, foge da *“esfinge que ontem, na estrada de Tebas, fitou em mim os seus olhos e me dissolveu”*. Prefere a invisibilidade a ver sua obra poética *“reduzida a esta rala poesia, a esta ou nenhuma poesia sem surpresa e sem mistério, a este coração nu, direto, elementar, irreversível...”*.

Ou então sendo conduzida a excessivo debate, a desgastantes comparações, debitada a compulsões teóricas, em respeito à opção de caminhar outro trilho que não o puramente literário. O fato é que Abgar Renault, embora tenha conseguido e leveza dos anjos, não conseguiu se tornar invisível, se é que tentou.

Em *“A outra face da lua”* (José Olympio/INL 1983), o poeta deixou o itinerário, o mapa da derrota a perseguir, quando confessa a dificuldade sentimental que tem de exercer plenamente a poesia:

Prefácio de desculpas

Perdoai-me a soberba de haver-me sonhado vosso irmão,
sem ver nem ouvir estéril vácuo nas minhas palavras,
que não soube nunca encher meu grave coração.
Perdoai os versos incomunicáveis do chão de lavas

e de pedras em que vivo. Perdoai o vinho, o sal, o pão
sem fé que meu corpo e minha alma receberam gratuitamente.
Perdoai perdidamente a voz esquiva e outrora,
que entre os esbeltos cantos de profundas vozes
se compôs de tristeza essencial e de vaga alegria malcontente,
se ergueu, e se apagou de pobreza e de fadiga.
Perdoai-me se me esqueci a mim sentado entre vós,
como um de vós, e não reconheci meu destino tão comum,
e procurei dar-lhe forma impossível,
sem o hálito de fogo que anima a elementar argila.
Perdoai, em mim, a quem se viu um dia sem destino nenhum.
Vós, poetas, não sabeis o amargo de ser ou não ser poeta
quando o mundo em dor se alarga e em água se reduz e cintila,
quando o amor em nossa carne viva morde a sua garra ou seta,
ou quando, na hora mais morta da noite, entre mar e mar,
a vida só existe no olhar intenso da treva a escrutar
dentro da insônia grávida o que fizemos da nossa vida.
Não podeis saber como arrasa saber o que é poesia,
ouvi-la e vê-la onde está, sentir que nasce de um sem-querer,
às vezes de fortuito encontro de domésticas palavras
em coito inesperado, que gera sentidos novos e novos sons,
e não poder captá-la, nem à noite, nem à tarde, nem ao aberto dia,
nem acordado nem desacordado nas surdas tumbas do sono...
percebê-la, evasiva e arisca, esgueirando-se entre todos
os vocábulos bons ou maus,
feios ou belos, da língua mais ilustre ou mais plebeia...
Tê-la doendo agudamente no sangue e vê-la, quando irrompe
visível,
– ideia sem forma ou forma sem ideia –
reduzida a esta rala poesia, a esta nenhuma poesia sem surpresa
e sem mistério,
a este coração nu, direto, elementar, irreversível...
(Oh, o íntimo cansaço da poesia equilibrada, consciente,
silogística,
que nasce, cresce e se conclui como um teorema
ou uma fórmula estatística...)
Sobre tudo ignorais, ignorareis (sois poetas!) a suada impotência
de não ser vossa aquela mão, esse ouvido, certo sortilégio, a
ciência,
a antena, o acaso, o não-sei-quê divino, humano, aéreo,
que condensa e repete o poder de todas as filogêneses
e faz nascer numa folha de papel, entre vertiginosos traços,
a rosa, Júlio César, um sapo, a Virgem Mãe, uma estrela em
pedaços,
um carbúnculo, esta salamandra, e a esfinge

– a esfinge que ontem, na estrada de Tebas,
fitou em mim os seus olhos e me dissolveu.
Não sabeis, não sabereis jamais, como eu,
Quanto mata sentir que a poesia nascida da punhalada mais
aguda
é triste concha vã,
Sem nenhum eco de mar, e que para ela não existe amanhã.

Publicado: 29.7.2004

© Salomão Rovedo



Democracia totalitária e utopia

“Há algo de novo sob o sol do Planalto Central”. Com esta frase poética o deputado federal Chico Alencar (PT-RJ), inicia seu artigo “Novidade no Parlamento”, saído na seção Outras Opiniões do Jornal do Brasil de 24/7/2004. “Trata-se do primeiro passo – continua o Deputado – na constituição de uma frente informal, estruturada a partir de alguns pontos de confluência. Em comum, a insatisfação com os rumos e vários procedimentos do governo que ajudaram a eleger (...) como a CNBB, os movimentos de Direitos Humanos, Negros e Mulheres, os sindicatos, a OAB e o MST, entre outros”.

Como se pode claramente ler, é difícil às pessoas com formação verde, como é o caso do deputado Chico Alencar e do grupo que o acompanha no sonho, fugir do imaginário para a realidade. Mesmo exercendo cargo público que, na lida cotidiana, obriga a coexistência material, por algum motivo de foro íntimo, ninguém quer dar adeus à utopia.

Senão, vejamos qual é o objetivo principal desta “frente informal”, segundo consta do citado artigo:

“O grupo voltará a se reunir para alinhar um documento básico propositivo e organizar um seminário sobre caminhos de mudança para o Brasil. Alguns pontos conceituais básicos já foram definidos: a primazia da nação sobre o Estado, do social sobre o econômico, da política sobre o mercado e da ética sobre o clientelismo e o fisiologismo”.

O deputado delira. Logo de cara esquece que qualquer frente pluripartidária desmorona na primeira distribuição de verbas. Ademais, convém lembrar-lhe que tudo que ali está é pré-história, a pré-história da candidatura, a pré-história da campanha, a pré-história dos debates, a pré-história da eleição, a pré-história da posse de Lula. É um delírio contagiante: até eu deliro. Não será o caso de perguntar se é verdade mesmo que *a pior democracia é preferível à melhor das ditaduras?*

Se passarmos um olhar nas transformações impostas à sociedade brasileira nas últimas décadas, sem medo de ser acusado de revisionista e mesmo sofrendo o calafrio do temor, arrisco a mão à palmatória, disposto a discutir o velho apotegma. Por não ficar flutuando entre a utopia e a esperança, aqui entre nós, já não tenho tanta certeza assim.

A nossa política enterrou o conceito de pátria e parte da presunção do fato para se armar do poder e exercer o antifato. Vigora o preceito da culpa presumida: condena-se antes de julgar, se aprisiona antes de condenar. Consolidando o princípio de que todos são criminosos, esquecemos lá na frente de pedir desculpas e reparar o erro quando após todas as investigações, inquéritos e julgamentos, a justiça assim conclui.

Sob o manto obscuro da globalização a nossa democracia evoluiu no sentido inverso, de dentro para fora, da abertura para o controle absoluto. A nossa democracia especializou-se em dominar completamente o cidadão através dos três poderes. Ouvi na TV de um conhecido jurista: *“Quanto mais leis forem editadas, mais crimes serão cometidos”*.

Podemos nos orgulhar de mais um recorde mundial: em nossa terra existem tantas leis que muitas delas se sobrepõem umas às outras, criando um emaranhado inexpugnável. Muitas leis são daquelas que jamais são nem serão cumpridas.

Cria-se o terror ali para dominar mediante a estratégia do antiterror. Aqui se cria a indústria do medo para subjugar mediante a repressão. Pelo mero exemplo da telefonia celular pré-paga se pode desentranhar toda uma estratégia: como desculpa de que *“o crime organizado estava se aproveitando do fato de não haver necessidade de cadastro para uso do pré-pago”*, obrigaram cerca de 40 milhões de assinantes a se registrar.

Quantos serão os criminosos que usam o celular pré-pago? É mais um cadastro controlador que, como inúmeros existentes – inclusive o CIC/CPF – vai circular mundo afora, por aí, nas malas diretas, nos cadernos dos políticos, nas agendas da internet.

Em outro ato, o governo do PT acaba de proibir a circulação de dinheiro, princípio básico de qualquer comércio. Vejam como este segundo exemplo, que vem embutido sub-repticiamente em artigo de Medida Provisória, pretende controlar as empresas comerciais que recebem pagamentos de seu negócio em espécie. A lei simplesmente obriga o comerciante a depositar o dinheiro em conta bancária, proibindo que os comerciantes paguem contas também em espécie.

É uma violência contra o livre comércio, é interferência direta numa atividade empresarial que não comete nenhum ilícito. Além de inconstitucional, é degradante porque cria mais um móvel para pagamento do famigerado e imoral CPMF (masculino porque é um imposto, não contribuição), engordando o lucro bancário.

A CPMF – uma das mais cruéis taxações que jamais se sofreu nem nas piores ditaduras – sobrevive permanente, não para arrecadar fundos para os programas de saúde, razão da sua criação, mas porque através dela o poder obtém controle absoluto sobre a movimentação financeira da gente. Para inibir a “lavagem de dinheiro” submetemos o mísero salário ao garfo do ladrão cada vez que efetuamos qualquer movimento. Além, claro, de aumentar o nível de gordura dos bancos, cujos balanços alcançam níveis pecaminosos a cada ano.

Este foi o mal que o Dr. Adib Jatene legou para a sociedade brasileira ao empenhar sua honestidade e dignidade para aprovar imposto tão indecente.

Alarga-se o espectro: permite-se e se divulga a indústria da corrupção para exercer o controle absoluto do cidadão. Em matéria de revolução proletária, hoje se pode diferir que o estadismo democrático prevaleceu e está de vez plantado em nossa terra. Foi assim como uma coisa combinada entre as classes dominantes. Tudo bem – acertaram tudo sem nos consultar:

– Vamos privatizar as empresas estatais e em contrapartida recebemos apoio para a engorda do elefante.

E assim foi.

Ou será que alguém algum dia pensou que todos os altos funcionários das empresas estatais, habituados a *breakfast* gordo, a banquetes diplomáticos e orgias salariais iriam ficar a ver navios? Pois assim nasceram as famigeradas agências disso e daquilo, iluminando a mágica arte da sobreposição, pois digam qual atribuição dada às agências que um departamento ministerial não tenha capacidade de fazer?

O que surpreendeu a todos nós que votamos no presidente Lula é o índice do caradurismo a que o seu governo chegou logo após a posse. Nem mesmo entre os militares se viu tanta parcimônia com o emprego público, que motivasse a criação de novos ministérios só para ocupá-los com os amigos, os amigos dos amigos, os parentes e os parentes dos parentes. Como se viu à continuação é que todos esses ministérios já se provaram totalmente ineficientes, desnecessários e voláteis. Só falta criar o Ministério da Utopia.

Acredito que o deputado Chico Alencar, ao desejar ardentemente retomar os “pontos conceituais básicos” da sua proposição – pontos esses que certamente estão incluídos, no todo ou em parte, nos programas dos partidos políticos – não quis abandonar o sonho, se recusa a acordar. Sim, o deputado delira ao sonhar que um dia prevalecerá “a primazia da nação sobre o Estado, do social sobre o econômico, da política sobre o mercado e da ética sobre o clientelismo e o fisiologismo”. O deputado delira.

Repito: tudo o que ele está propondo é pré-história, a pré-história da candidatura, a pré-história da campanha, a pré-história dos debates, a pré-história da eleição, a pré-história da posse de Lula. Foi, enfim, para isso que elegemos o Presidente Lula. Mas é um delírio contagiante: até eu deliro. Vendo o rumo que o governo tomou após a posse e sem vergonha de provocar, pergunto: a pior democracia é preferível à melhor das ditaduras?

Acorda George Orwell! 1984 finalmente chegou...

Publicado: 29.7.2004
© Salomão Rovedo



E por falar em Neruda

Pelas ruas de Santiago do Chile, década de 70, anos de chumbo e aço, anônimo, admirando prédios chamuscados por incêndios, paredes perfuradas rompidas de metralha e bombas. A sede da Rádio Nacional, que transmitiu clamores de resistência, a redação de jornais, sedes de partidos políticos, tudo destruído, metralhado a torto e a direito.

A paisagem mais triste, porém, era ver o Palácio La Moneda, emparedado por um veículo blindado, parede de tábuas cerrando portas e janelas. A cúpula externa onde tremulava a bandeira nacional foi destruída pelo bombardeio aéreo. Instigado pela presença viva da história me aproximo sem medo. Ali morreu Salvador Allende defendendo o cargo a que fora eleito. Chego mais perto do prédio, a proximidade me emociona.

O senhor de cabelos brancos, de boina, traje simples, surrado, se aproxima e diz: *“Eu estava aqui, eu vi o palácio ser bombardeado, incendiado e invadido. As bombas que assassinaram don Salvador”*. Caminhamos até um bar, ofereço vinho, cigarro e conversamos um par de horas. Neste momento a história viva é a que sai da boca e não a dos compêndios, o que se imagina e corre em meios aos boatos, é a catástrofe dilacerada pelo personagem real. Narrador e ouvinte de olhos úmidos.

Outras vezes retornei a Santiago. A cidade ainda vivia envergonhada, tímida e calada. Nas ruas, agora limpas e varridas, encontro um vendedor de publicações e gravações piratas. Eram obras de Nicanor Parra, Victor Jara, Violeta Parra, poetas da terra e cantores da resistência gravados em fita cassete. Depois de alguma conversa me indicou bares onde se ouvia música e poesia à noite, apesar do *toque de queda*.

Comprei La Bicicleta, revista de resistência, algumas fitas, entre elas de Pablo Neruda lendo poemas do livro “Vinte poemas de amor e uma canção desesperada”. A voz de Neruda soa grave, amorosa, dramática. Não diz poemas como Vinícius de Moraes ou Carlos Drummond de Andrade: mais parece um cantor de tango, de bolero, do nosso samba canção. A partir de então vi que Neruda não seria jamais considerado um clássico. Era um poeta popular, como os nossos Catulo da Paixão Cearense e Patativa do Assaré.

Como se mede um poeta? Como medir à distância o poeta e sua obra? Retiram-no do espaço e tempo a que estava confinado, do qual fazia parte? Exclui-se a geografia física, foco da paisagem em derredor? Elimina-se a ideologia que entendeu, teve afinidade e abraçou? Deleta-se a utopia da igualdade social que fere e machuca quando se torna consciente? Destrói-se a construção política que assimilou, o sonho que erigiu a sangue e suor? Como se mede o poeta sem misticismo, sem religiosidade, sem eternidade?

A imortalidade de Neruda vai durar porque, no momento em que lhe foi dada a bênção das musas, soube interpretar como nenhum o anseio da terra e dos povos em derredor. No momento certo trouxe à lembrança todo o mal que os invasores causaram. Sem leviandade declamou as aspirações dos povos latinos. Para Neruda o Brasil também era América Latina.

A respeito de Pablo Neruda, tudo é absolutamente verdadeiro: para alguns o poeta chileno é um ícone, para outros um incômodo. Críticos contemporâneos pretenderam destotemizá-lo. Mas não se pode derrubar o altar de qualquer um, muito menos se conseguiu abalar a estrutura da poesia hispânica. *“Frívolo, inconsequente, desmesurado”*. – já disseram de Pablo Neruda. Pode haver alguma razão nisso se cometermos o erro de compará-lo ao classicismo moderno de Vicente Huidobro, por exemplo.

Mas, dá para imaginar a leitura de Gonçalves Dias sem a ótica edênica e indígena que sempre o acompanhou? Como chegaria até nós a leitura de Casimiro de Abreu sem a viagem feiticeira de uma só via? Como ler Joaquim de Sousa Andrade sem a contingência intercontinental a que foi submetido, impregnando-o de um futurismo paranormal? E mais próximo a nós, como ouviríamos Mário de Andrade desenquadrado do urbanismo, erótico, desenfreado? Pode-se ler Brecht sem o marxismo dialético?

Se as poesias de T. S. Eliot e Saint-Jean Perse podem ser lidas a qualquer tempo, por que não as “Odas”, de Neruda? Estando mais próximo de Walt Whitman, Pablo Neruda traz na poesia a tradição dos *payadores*, poetas populares cuja matéria prima é a emoção. Isso porque o progresso técnico e científico dos aparatos eletrônicos que penetra nos confins do cérebro para descobrir o neurônio responsável por tal ou qual reação, chegou a

lugar nenhum quanto a definir o ponto exato onde nasce a emoção.

Pelo contrário: segundo as teorias astrofísicas, localizamos o buraco negro do conhecimento. Como descobrir o exato momento em que a poesia se aparta do domínio da emoção e toma rumos emparedados em direção ao intelecto puro? Para os viciados em emoção e adrenalina, quando tudo se torna cerebral demais é um desastre. O coração é eliminado como centro da emoção. Decretada a morte do romantismo e determina-se também a mudança da casa do espírito do coração para o cérebro. A descoberta da morte cerebral resultou na morte do coração como centro emotivo.

A admiração e o ódio que nós sentimos pela poesia latino-americana resulta do isolamento que a história impôs a nossos vizinhos. Agora, enfeitiçados pelo canto da sereia, devotamos tempo a uma poética que não contém a têmpera, o cheiro do ar que respiramos, o ardor da pimenta. Para usar expressão antiga: não tem nossa alma. De repente nos bateu uma ansiedade de sermos hispânicos. Não, não somos hispânicos.

Não é uma simples constatação geográfica ou histórica, é carnal, visceral: simplesmente não somos hispânicos. Não descendemos de conquistadores criminosos que ensanguentaram terras, rios e mares do México à Patagônia. Porque não somos, a poesia é diferente, sem afinidades que nos tornem irmãos.

Não somos herdeiros de piratas saqueadores como Blake, Colón e outros *bucaneros*, porque viemos de Portugal, que se tornou pequeno demais porque desistiu da conquista criminosa. Se por extensão viemos da África, do Oriente, da Arábia, a poesia portuguesa é nossa e também das colônias, de Cabo Verde, dos Açores, de Angola, de Moçambique, de Macau e de Timor Leste.

Há certa distância entre língua e poesia. Não é a mesma que separa nossos heróis dos heróis hispânicos: aqui e lá todos são índios, mestiços, negros. Os saqueadores espanhóis não deixaram pedra sobre pedra, nem glória, nem poesia. Encheram os buques com o butim e se mandaram. A herança literária hispânica adveio da colonização de castas europeias oriundas da barbárie.

Em poesia somos tão distantes quanto o haicai do soneto. Não temos a mesma rima, nem a mesma história literária, não somos sequer vizinhos poéticos. Por que hoje alguns se atiram nos

braços eloquentes da poesia hispânica? Será em busca do espaço que lhe foi negado aqui mesmo? E por que não busca esse espaço aonde mais o canto se aproxima do nosso?

A fonte de nossa poesia pode ser qualificada de romântica – entendida como poética voltada para o coração. E tem origem da qualidade humanitária que herdamos do cantar gaélico, galegos e itálicos, temperados com o ritmo africano e alguma espiritualidade oriental. Pouca influência sofre da bárbara poesia celta e ibérica, tampouco somos descendentes da raiz étnica basca ou catalã. Graças a esse detalhe natural nossa poesia não foi conspurcada por elementos pseudo-heróicos e cresceu se impondo ao mundo culto vacinado contra as epopeias sangrentas.

Nosso herói vem do bumba-meu-boi, do fandango, da micareta, de lendas indígenas, do vodu, da macumba. O barbarismo dos vizinhos hispânicos pode nos contaminar. Por que agora a poesia hispânica nos parece agigantada? Por que o lava-pés de vizinhos que sempre nos miraram de viés, alimentando relações literárias com fuxicos, comadrios, futricas?

Os Andrades são nossos; os Bilac são nossos; os Campos são nossos. É nossa salada poética, o tempero característico, nosso itinerário percorrido, a voz que atravessa fronteira. Não vamos fingir de mocinho bom e bem comportado. Que aprendam conosco – se quiserem – a poética do coração, do samba, do fado, do chorinho.

Algo que se pode dizer de Neruda – um tiquinho parecido com Mário de Andrade – é que poeta como ele não existe mais. Ninguém mais adota a poesia do coração, irmã do evangelho: uma poética estranha e familiar, ao mesmo tempo ingênua e amiga. Ninguém faz poesia do “amor à beleza”, a beleza que se confunde com o bem, ninguém se dedica à essência da interpretação contemplativa da vida. A poética do coração traduz as correntes ativas, intelectuais e monásticas, sem deixar de colocar a liberdade como fundamento.

Preconiza o caminho mais curto e mais fácil: o retorno ao reino interior. Não se diz inédita, invoca tradição, quer menos solidão, mais solidariedade. O poeta “reconduz o espírito ao coração” e “une-o à alma”. São variantes de fórmulas clássicas atualizadas: a poética do coração não é algo novo e sim baseada em perspectivas anteriores. Algo que os dogmas religiosos nos

deixaram, pois se trata de “guardar o coração pelo espírito” e “reconduzir o espírito da razão para o coração”.

Não pode ser apenas uma utopia.

Publicado: 20.7.2004

© Salomão Rovedo



Enterrada viva

A respeito do artigo de Xenia Antunes, *Desconstruindo Lula* – uma das mais lúcidas análises da atuação do operário que chegou à presidência – permito-me montar este retalho de fábulas e sonhos em nome da liberdade de expressão, ao direito da inocência prévia. Em consequência, vai também contra o mal cheiroso costume da pré-acusação, pré-julgamento e pré-condenação, dos quais não só os Três Poderes, mas o Direito, a Medicina, a Justiça (entidades que nos representam), estão empenhados.

Tudo que hoje ressoa nos jornais, em sendo a Oposição o vice-versa da antiga oposição, hoje Governo, tudo cheira ao refrão: *Pimenta no cu dos outros é refresco!* O denunciismo hoje é crime. Ontem não? Tomara que seja este o medo que a atriz Regina Duarte profetizou...

Labieno, filho de um general de César, era – como este que vos fala – um escritor franco e desabusado, inimigo dos tiranos, mas teve seus escritos denunciados por causa dos constantes ataques ao governo e aos poderosos. Ao ser censurado e ver proibidos seus escritos, Labieno rebelou-se, mas não foi atendido. A forma de protesto que encontrou foi se trancar no jazigo da família, explicitando que não valia a pena viver sem liberdade de pensamento.

A história de Labieno, ao qual dou as mãos, é um exemplo de intransigência contra a violência do poder, fidelidade ao ideário democrático, de servidão ao princípio da liberdade de expressão, contra toda forma de censura.

A liberdade de palavra se confunde com a liberdade da imprensa. *“Uma coisa escrita sem liberdade, não pode ser senão medíocre ou má”*. Assim Frederico II, o Grande, fez a apologia do livre pensamento. Francis Bacon, por sua vez, escreveu em *Advancement of Learning*: *“A liberdade da palavra determina um uso novo da própria liberdade e assim contribui para o conhecimento do homem”*. O escritor Joseph Addison, ensaísta, poeta e dramaturgo faz coro a Labieno ao proclamar: *“Quando a liberdade de pensar morre, a vida se torna insípida e perde o interesse”*. O deputado espanhol López de Ayala, discutindo um projeto de lei de imprensa, declarou: *“Quando a imprensa é livre, a calúnia é nula. É triste a sorte de um governo que ninguém acusa em público, porque todos o acusarão em segredo”*.

Em famoso discurso Franklin Roosevelt falou sobre as Quatro Liberdades fundamentais na vida da nação e do homem. Essas quatro liberdades essenciais ao homem nos remetem ao mote deste artigo. Disse Roosevelt ao parlamento estadunidense que, para a existência da paz mundial, eram necessárias quatro liberdades:

- 1) a liberdade de palavra e de expressão;
- 2) a liberdade de religião;
- 3) a liberdade de não ter fome; e
- 4) a liberdade de não ter medo.

A defesa das liberdades – como se vê – é mais antiga que a Sé de Braga.

São liberdades básicas em todos os tempos e estão vivas em seu próprio discurso. Entre nós, parece que a terceira delas – a liberdade de não ter fome – vai ficando para as calendas gregas, posto que não se saiba a quantas anda, a não ser uns números de fantásticos milhões de famintos que surgem em dados oficiais. Por outro lado, vamos torcer para que a liberdade número um – a liberdade de palavra e de expressão – tão decantada em nossa Carta Magna, não seja indefinidamente postergada para o dia de São Nunca.

Merece tratamento especial a quarta liberdade – a liberdade de não ter medo – uma avenida de duas vias. A primeira delas: o governo não deve ter medo do Quarto Poder (A Imprensa, segundo expressão cunhada por Edmund Burke em discurso no Parlamento Britânico) e sim considerá-lo sob medida, fundamental mesmo, como balança no equilíbrio das democracias que a si

propõem uma transparência sem limites, como é o caso do presidente Lula.

A segunda via: cabe a quem usa a palavra como expressão, não só usá-la sem medo, como também exigir o direito à livre atuação do Quarto Poder. A liberdade de pensar e de expressão é parte integrante do Quarto Poder – a Imprensa, que deve ser considerada, ao lado dos três outros poderes, o Executivo, o Legislativo e o Judiciário, como elemento fundamental que só engrandece o exercício da democracia e nunca o contrário. Advertir escritores contra possíveis reações é o mesmo que promover censura subliminar.

Por isso é justo afirmar, com toda a liberdade, que aos advogados e juristas cabe um papel importante nesta sadia discussão. Ao invés de usar o terror e o temor de julgamentos precoces, coisa que reprime a liberdade de pensar e amordaça a voz da imprensa, têm eles o dever de glorificar o amplo direito de opinião, que é garantido pela Constituição e também pelas estâncias internacionais que tratam da liberdade de pensamento, como a ONU. Toda condenação que ocorre, antes e depois, é clara violação desses princípios.

O pré-julgamento – junto com a deduragem e os grampos – é uma praga que se alastra vorazmente maculando a justiça. Surge muitas vezes embutido tanto no direito privado, quanto no público, prática comum entre promotores e defensores públicos, advocacia da união e quejandos, se afirmando como verdade absoluta.

Não sei quem segue o exemplo de quem, mas na área da saúde observo idêntico procedimento: imaginem que meu médico ameaça cânceres, enfisemas, infartos, cirroses e impotência sexual, para proibir de beber todas as biritas! E mais: não posso comer mocotó, rabada, feijoada, dobradinha, costela e... picanha! Meu Deus! O que resta para se comer, além disso?

Não. Neste caso talvez o médico tenha razão, mas quanto à liberdade de pensar não há escolha: temos de exigir que ela nos seja garantida ou enterrarmo-nos vivos no tûmulo da democracia. Não somos governados por um Caliban, personagem que se apresenta rude, grosseiro, perverso, cruel, imoral e fisicamente deformado, tão bem explicitado pelo genial William Shakespeare na peça "A Tempestade".

Apesar de que, quanto aos ministros, não se pode botar a mão no fogo, pelo contrário, há alguns e outros que bem se enquadram naquela figura dramática. Ou pelo menos mostram assimilar algumas das piores características do caráter monstruoso figurado por Shakespeare. Mas nosso presidente não é aquele Caliban, não.

Por isso Xenia Antunes tem a garantia de escrever sem ameaças, sem condenações prévias, sem o sequestro do seu direito à liberdade de expressão. Nós os que pensamos devemos repetir Bismarck: – *A Canossa nós não iremos!*

Pelo amor à pátria, pelos clamores da liberdade, pela devoção à democracia e em nome dela, praticamos atividades intelectuais, não podem os jornalistas, os escritores, não podemos os poetas, tombar em submisso *mea culpa* à primeira admoestação. É o mesmo que carimbar o passaporte para ir a Canossa, para ali, humilhado e de joelhos, pedir perdão por ter cometido o pecado de ter rezado na cartilha da Liberdade de Expressão.

Quanto a mim, não ajoelho nem calo.

Publicado: 13.8.2004

© Salomão Rovedo



Esqueçam o que sonhei

O general-presidente João Baptista de Figueiredo, o derradeiro dos governos militares, num de seus últimos contatos com jornalistas fez um dramático apelo:

– Só peço que vocês me esqueçam.

Um pedido plenamente justificável, já que ao general-presidente foi delegada a terrível missão de transferir o poder a um civil, limpando a área para que não só ele, mas todos os militares envolvidos de algum modo com a ditadura instaurada em 1964 passassem ao limbo sem temores.

Os governos militares se caracterizaram pela regra democrática de dividir o poder entre eles. A cada quatro anos um novo general era escolhido para cumprir a missão seguinte, ou seja, governar o país e levar a revolução adiante.

Quando não foi mais possível controlar os militares da linha dura, esgotou-se o poder. Pois a missão que coube a Figueiredo como último general-presidente do golpe de 1964 foi completar a limpeza dos porões, iniciada por Geisel. Em outras palavras, desinfetar a latrina...

– Esqueçam o que escrevi – diria anos mais tarde o sociólogo-presidente Fernando Henrique Cardoso. Eleito pelo voto direto, cumpriu dois mandatos que pouco diferiram das missões cumpridas pelos generais, posto que sua principal obra foi dar um fecho de ouro à revolução de 1964.

Poliglota, togado, com diploma honoris causa das melhores universidades do mundo, logo se cobriu de reservas à primeira menção de jornalistas a respeito das obras sobre sociologia escritas por FHC. Como o “me esqueçam” do General Figueiredo, o “esqueçam o que escrevi” funcionou como um escudo jamais transposto. Ao diabo a ética!

Se pouco ou quase nada se pôde exigir dos governantes militares, não só pela virulência do poder exercido, mas também devido à característica militar de “missão a cumprir” que cada um assumiu, ao sociólogo-presidente, professor culto, a cobrança seria inevitável, um dos principais focos da imprensa e da sociedade.

E não é gabarito para ser deixado de lado, mesmo pelo menos vaidoso dos humanos, o que o sociólogo-presidente nunca foi: Fernando Henrique Cardoso, é um dos grandes teóricos da sociologia moderna, tem o respeito da intelectualidade latino-americana, europeia e dos *brazilianist*, principalmente por ter formulado a teoria da dependência, que trata do desenvolvimento capitalista nas sociedades subdesenvolvidas.

No entanto o sociólogo-presidente separou a obra do autor, o político se divorciou do intelectual, o socialista abdicou dos seus princípios e se amigou apaixonado com a teoria abstrata do conceito de globalização. Portanto, vamos ser generosos com o currículo do sociólogo-presidente e não esquecer o que ele escreveu.

Não só devemos lembrá-lo do que escreveu como ao “esqueçam o que escrevi” e vamos acrescentar muitos outros. Esqueçam o que afirmei em entrevistas: que a privatização ia trazer mais empregos – que a globalização iria tornar o estado mais ágil – que a modernização do país iria resolver o problema da dívida, etc.

Façam suas listas, mas não esqueçam, por sua vez, de dar um fecho de ouro a elas: “Esqueçam que eu disse que não queria ser presidente de novo”. Isto porque o homem vem aí, acreditando que nós eleitores esquecemos as mentiras, mesmo estando todas gravadas.

Se alguém se der ao trabalho de fazer uma dissecação sobre o caráter ideológico da transposição dos governos militares para os governos civis que os sucederam há de constatar a inexistência de ruptura que historicamente deveria ocorrer, posto que se trate de uma troca de regimes tão díspares como água e vinho.

Se nos espelharmos em nossos vizinhos, onde a transposição não foi tão suave como a brasileira, veremos que a ruptura – cujos efeitos foram apenas retardados – houve sim, mas de uma forma diferente das agitações de cunho social, porque a violência se transformou em brutal e humilhante agressão ao ser humano como ente familiar.

Esta ofensa entre nós se deu com o brutal desemprego e a agressiva redução salarial – tudo planejado cuidadosamente pelas classes dominantes, aí incluída a classe empresarial. Donde se deduz que a Revolução de 1964 ainda não terminou. Para sermos complacentes, digamos que ao operário-presidente Lula cabe reger o último ato. Mas o que podemos cobrar de um operário-presidente? Com qual “esqueça” nos brindará Lula?

Lembro que o operário-presidente abandonou o cargo no Congresso Nacional reclamando que ali não se faz nada, que é um ninho de maracutaia etc. Indagação de cunho intelectual não se pode fazer, não há lastro, sabe-se que Lula não lê, só ouve os companheiros de fé, talvez o travesseiro.

– Esqueçam o que sonhei!

O que dirá o operário-presidente se questionado sobre as aspirações daquele jovem barbudo que enchia os estádios de gente

ansiosa para ouvir-lhe os sonhos e aspirações que eram os mesmos de todos?

O que responderá aos eleitores que embarcaram na nau de esperança no rumo do sonho e da utopia?

O que dirá aos que sentem um espaço vazio sob os pés, aos que têm a segurança da família de repente destruída com a perda do emprego?

O que responderá aos que se alimentam bem próximos ao limite da fome?

O que dirá aos que se tornaram marginais, criminosos, porque se fecharam todas as saídas?

O que dirá agora que tem um campinho de pelada, um *playground* à disposição, churrascos, viagens a países exóticos?

Dirá – Esqueçam o que sonhei?

Não aceitamos esta decepção. Sim, operário-presidente, nós não tratamos a eleição como um folclore, como os boquiabertos estadistas do primeiro mundo. Eles estão bem longe da nossa realidade, vivem em outro planeta. Se ainda hoje somos um ser indígena para os europeus, para os norte-americanos estamos em degrau mais baixo, porque nos tratam como o cu-do-mundo.

Aqui é possível sonhar juntos, juntos beber caipirinha feita de cachaça, esperança e mel, juntos sonhar o Brasil em dimensões modernas, criativas e justas com os filhos da pátria mãe gentil. Nada do que os colonizadores ontem e hoje nos ensinaram: o pior exemplo. Sem importar com a baixa escolaridade, comparada com o antecessor, nós o elegemos para mudar o país, sem mais nem menos. Não queremos ser menos pior, desejamos melhorar de fato. Faça crer que é possível ser um operário-presidente.

E, por favor, leia...

Publicado: 20.8.2004

© Salomão Rovedo



O mal que JK nos causou

O que pensou Juscelino Kubitschek quando ousou assumir, como prioridade de governo, a transferência da capital federal do Rio de Janeiro para o planalto central? É claro que nenhuma má intenção lhe passou pela cabeça.

O projeto era antigo, com raízes no Segundo Reinado, mas seja qual tenha sido o hábito histórico que ambientou todo o processo – hoje completamente documentado – a consequência refletiu na política brasileira como uma bordoadá mal dada, cujo nocauteado foi a população.

O que hoje nos aflige e nos derrota é o distanciamento físico entre o político e seu povo.

Acabou o corpo-a-corpo, a vaca das reivindicações foi para o brejo com corda e tudo, a pressão popular cujas raízes remontam à Revolução Francesa esvaiu-se, quando se quiseram reunir milhões de pessoas para clamar pela restauração da democracia, a responsabilidade caiu sobre o Rio de Janeiro e São Paulo. Lula como líder sindical no planalto seria uma tragédia satélite, uma piada sem quintal.

O distanciamento da sede político-administrativa das grandes metrópoles implantou e trouxe consigo a pior de todas as tragédias políticas ao gerar e fazer nascer uma teocracia até então inimaginável: a democracia ditatorial. Aquilo que parece mais não é: a perpetuação de uma ordem política na qual a ética e a estética são descartadas de revés.

Na antiga capital federal, o Rio de Janeiro, o Senado ficava bem ali nos costados da Cinelândia, um reduto de tradição rebelde e revolucionária, onde até mesmo as reivindicações de ordem homossexual derrubavam convenções. Era o ponto do teatro, do cinema, das boates e, portanto das bichas velhas e das recém-assumidas.

Qualquer movimento errado das autoridades, qualquer passo em falso, qualquer escândalo mesmo menor, logo provocava a reunião do populacho disposto a redirecionar os transviados.

A Câmara dos Deputados ficava logo ali na Praça XV de Novembro, ao lado ao Paço Imperial que já era, desde o tempo do Império, palco que refletia a efervescência social e política da época. A república chegou e permaneceu sujeita aos mesmos tremores, as reuniões que pautassem assuntos de mérito raramente ocorriam no silêncio pacífico dos gabinetes. O alarido lá fora ecoava em cada ouvido como a lembrar de que o eleitor estava atento ao deslize de seus mandatários.

Os estudantes tinham uma atuação política mais fecunda e conviviam no entorno do poder. A UNE era ali na Praia do Flamengo a quinze minutos do centro; a Faculdade de Direito, na Praça da República, mantinha o Largo do CACO (Centro Acadêmico Cândido de Oliveira), em perene ebulição; a Faculdade de Filosofia, na Praça Itália, fazia vizinhança ao Restaurante Central dos Estudantes, o famoso Calabouço (Sede da UME), fundindo estudantes secundários e universitários num só elemento.

O Ministério da Guerra, que nunca foi um órgão popular, tinha de conviver com a grande massa de trabalhadores que todos os dias os trens despejavam na Central do Brasil.

Quando JK tomou coragem para se antecipar à história estava escrevendo a própria história. No entanto em tudo que ocorreu entre a ideia, o projeto, a implantação, a inauguração e a transferência dos poderes para o planalto central, em nada transpirava a intenção de destravar o político do povo, o mandatário do voto, a promessa da cobrança. O papel de vilão sobraria para prefeitos e vereadores, se já não viesse do alto a desmoralização das gestões, carregando de impotência desmoralizadora qualquer sentimento de reação.

Terceirizou-se o poder.

A câmara dos deputados, o senado, o poder judiciário, estabelecidos numa praça que não é a Praça XV de Novembro, ao lado ao Paço Imperial – o Palácio da Alvorada – deixou de ser o palco capaz de refletir a efervescência social e política, necessários ao debate das questões importantes. Não há mais o debate entre o político e o povo, a população não tem como se pronunciar, Brasília enterrou o plebiscito, a passeata, como a TV enterraria o comício.

O isolamento do poder numa redoma protetora fez com que aumentasse a sensação de impunidade, fazendo crescer demasiado o rebanho das ovelhas negras. Quem tiver mérito e paciência pode se dar ao trabalho de fazer a estatística que, no entanto, está bem latente: a nova capital promoveu também os casos de corrupção mais escabrosos, que passaram a ter uma magnitude inconcebível, alçando-se a cifras imagináveis, num país que todos os hóspedes do Palácio da Alvorada consideram pobre.

A república que chegou depois da ditadura permaneceu sujeita aos mesmos tremores. As reuniões que pautam assuntos de mérito agora ocorrem no silêncio noturno dos gabinetes. O alarido ficou lá fora, bem longe, não mais ecoa nos ouvidos dos políticos a lembrança de que o eleitor é o responsável direto pelos mandatos e mantém o direito de cobrança.

O poder hoje se exerce acobertado pelos ternos e jaquetões impecáveis, etiquetados pelos melhores estilistas italianos.

A transferência da Capital do Rio de Janeiro para Brasília acabou com a cobrança direta –, nenhum presidente se suicidará no Palácio da Alvorada.

A construção de Brasília de fato colocou o nome de JK num patamar elevado da história, levou nome do Brasil ao cume da modernidade, não só pela joia arquitetônica que a cidade representa, mas também pela audácia e coragem ao transformar um empreendimento árduo e utópico em realidade. Essa aura de modernidade, porém, não impregnou o espírito ético dos políticos, ao contrário, transformou o ideal numa mácula, o exercício da democracia em tragédia nacional.

Alguém duvida?

Publicado: 10.10.2004

© Salomão Rovedo



O que é turismo sexual?

O jornal O Globo de 11/01/2005 mostrou extensa reportagem de página inteira intitulada “Código contra a

exploração – Ministério do Turismo, ONGs e empresas farão ofensiva para combater o turismo sexual”, assinada por Evandro Êboli, correspondente em Brasília. Um pouco mais adiante se informa que as citadas “entidades formam o Comitê de Turismo Sustentável e Infância”!

O objetivo das medidas anunciadas visa principalmente “combater a exploração sexual de crianças e adolescentes”, mas tem também como meta criar um código de conduta “para orientar o comportamento de todos os profissionais que trabalham no setor”.

Planos, planos, planos, parece que todas as medidas governamentais se limitam a criar esses monstregos que, como os cometas, trazem em seu caudal uma porção de organizações e com estas um monte de elementos inseridos no contexto, todos bem empregados, tudo bem arrumadinho para arrecadar e absorver verbas federais, pois lá num cantinho consta que “outras entidades, como a World Children Foundation e a Fundação Roberto Marinho” [Criança Esperança], participaram da reunião em Brasília.

Pois neste caso também, o governo anuncia que “vai anunciar o Plano Nacional de Enfrentamento à Exploração Sexual e Comercial de Adolescentes e Crianças no Turismo” – tudo assim mesmo em excessivas palavras e maiúsculas de sobra, que, pela pomposidade, deve merecer ao menos uma sede cheia de gente a prover de papelada os órgãos responsáveis, a imprensa, as ONGs e afins.

Mais adiante se vê que toda essa movimentação que animou a reportagem (que não traz a observação de ser “Informe Publicitário”), recheada, aliás, de enormes fotografias com turistas namorando as jovens – que não aparentam ser tão jovens assim – é para ser divulgado pelo governo “durante o Fórum Social Mundial, a ser realizado em Porto Alegre”. Ah, sim...

A reportagem também faz questão de registrar algumas medidas sutis e silenciosas (sic) ou “condutas corretas”, que já orientam os setores de turismo. Quais as medidas? 1) Policiais retiraram de um restaurante, turistas alemães que estavam acompanhados de menores. 2) O gerente do hotel não permitiu que turistas subissem para os quartos acompanhados de crianças e adolescentes. Mas ninguém foi autuado...

Mas, espera aí! A gente não está cansada de ver anúncio de turismo em todas as partes do mundo? O que mostram? Praias lindíssimas, paisagens maravilhosas, tudo ilustrado... com as mulheres mais bonitas do mundo, não é? Talvez por isso mesmo que a vasta reportagem chega à conclusão que “o problema está sendo enfrentado sem que ninguém vista a carapuça”. Claro está porque aí envolve prejuízos de natureza vária.

Agora, vejamos o outro lado desta mesma moeda.

Na mesma edição d'O Globo, especificamente na Coluna do respeitado Ancelmo Gois, destaco a notinha inteira:

Rio gay

De um parceiro da turma da coluna, depois de ler aqui que o Rio atrai tanto turista gay pela “beleza de nossos rapazes”.

– Como diria Calvin Klein, o melhor do Brasil são os brasileiros. Faz sentido.

E logo no dia seguinte a onda prossegue, desta vez ns páginas de outro colunista, Joaquim Ferreira dos Santos em seu Gente Boa (segundo Caderno), eis aqui como lá está:

Capital do babado

Se o Rio virou capital mundial do turismo gay de verão, a boate Le Boy, em Copacabana, é o epicentro do terremoto.

Notícias de lá: a música do momento é “Alegria”, do DJ Marcelo. A moda é bota de cano alto por cima da calça, no estilo, sem ironia, montaria.

Calvin Klein [de novo ELE!] na última vez que esteve lá, no sábado, chegou de havaiana. Dançou 15 minutos e saiu. Voltou em meia hora. De tênis.

Vai entender!

É difícil de entender mesmo. No entanto, como disse, são duas faces da mesma moeda. Acho que esta é uma dica excepcional para as entidades que compõem o tal Comitê de Turismo Sustentável e Infância, ou seja, o Ministério do Turismo, as ONG, coloridas ou não, as empresas de turismo, mais a World Children Foundation e a Fundação Roberto Marinho, apresentem no Fórum Social Mundial a defesa de nossos garotos e pit boys.

Porque esse mesmo turismo sexual que envolve as nossas belas e morenas adolescentes, mistura também os nossos adolescentes saudáveis e sarados, movidos a academias e a açaí! O certo então é defendê-los com a mesma garra, porque ao mesmo tempo em que não queremos os trogloditas atacando nossas mocinhas, não devemos permitir que a turma do arco-íris deite e role com nossos garotões. Certo? Cartas para a redação...

Publicado: 17.1.2005

© Salomão Rovedo



Os horizontes de Jason Carneiro

Se há alguma coisa que se pode exigir do poeta é que ele conheça a poesia e como esta letra não tem idade a afirmação vale tanto para a poesia dita clássica como a mais contemporânea possível, de preferência livre de rótulos. Só lendo muita poesia, de princípio alimentando-se como as crianças, com muita fome e sede, sem a preocupação de avaliar níveis de qualidade, o poeta poderá exigir de si algo mais do que pensa que pode realizar: é a superação. Conhecer seus pares é o abc do poeta.

E depois de muita estrada percorrida, quando ele experimentar um prazer indizível lendo a poesia desses outros autores, aí sim, terá atingido o nirvana de sua atividade poética, com o direito de também ser lido. O resultado será produzir uma poesia capaz provocar os mesmíssimos sentimentos, desde os leitores comuns até aqueles que começam a caminhada, gerações desconhecidas, consolidando o moto contínuo, fator primordial que aflora entre a condição humana e a arte.

O artigo sobre Abgar Renault saído nesta A Confraria já me deu pelo menos uma alegria, pois foi por causa dele que tive o prazer de conhecer a belíssima poesia de Jason Carneiro, em livro que o autor, muito justo e comovido, homenageia o poeta mineiro [Assim nascem os horizontes, poemas, Editora Ibis Libris (ibislibris@uol.com.br), Rio de Janeiro, 2003].

Não vou falar aqui da técnica, da estética ou da excelência da poesia de Jason Carneiro, porque Pedro Lyra, Ivan Junqueira e

Alberto Guerreiro o fazem com muito mais competência e talento de que este escrevinhador seria capaz.

Alberto Guerreiro, em alentada introdução intitulada Alma Forasteira, aliás, dá uma lição de como se deve comentar um livro de poesia. Esse exemplar prefácio escrito de modo bem diferente das críticas que correm por aí, cuja técnica é a mesma à dos fabricantes de salsicha, linguiça e demais embutidos, Alberto Guerreiro desenvolve uma análise do livro “Assim nascem os horizontes” de forma enxuta, objetiva e sem fogos de artifício. Mister se faz que seja indicada a todos os alunos de Letras.

Cabe-me admirar a simplicidade com que Jason Carneiro demonstra a confessada veneração que tem à poesia de Abgar Renault, da qual é fã explícito como eu, deplorando que a divulgação da obra meritória do poeta de A outra face da lua encontre dificuldades de diversos níveis. As letras brasileiras precisam da poesia de Abgar Renault.

Entre todas as artes somente a poesia é capaz de produzir esse tipo de efeito no qual a influência tanto mais forte se desencadeia em novas criaturas, sem que os anos tenham qualquer peso no processo. Tomara que o impasse – se houver algum – seja logo superado para que a poética de Abgar Renault não se transforme em saudade.

Com efeito, em Assim nascem os horizontes se vê que a influência se faz não só como imitação ou recriação, como seria injusto supor, mas exatamente no destravamento dos conceitos básicos do fazer poético, que afetam toda a construção do poema, desde a escolha temática até às miudezas gramaticais. O que Abgar Renault desenvolveu na sua poesia certamente serviu de exemplo e lição. A poesia de Jason Carneiro é também uma constante e meticulosa reinvenção. É assim que nascem os horizontes, é assim que nasce a liberdade no criar.

Se Abgar Renault foi um mestre em dosar cadência e ritmo mesmo nas frases longas, Jason Carneiro não só aprimora o que apreendeu, mas acrescenta um tom nas palavras e em novas sílabas, de forma que tudo ganha uma leve sonoridade, um batuque suave nos entremeios, que vem de encontro ao leitor mesmo sem ser chamado: surpreende.

Se o tom assim o exigir, o poeta não hesita em encurtar a frase na medida certa e tudo se transforma em som e ritmo. Palavras como receitas homeopáticas, tudo na medida certa, sem excesso, o absolutamente necessário. Eis como influência não significa imitação, mas estímulo para novas aventuras.

Com o desaparecimento recente de Fernando Sabino se repete o drama da obstrução autoral. Antes mesmo de o corpo esfriar os seus herdeiros declararam à imprensa que nenhuma obra inédita dele vai ser publicada. Seria esta o desejo do próprio Fernando Sabino. Se Max Brod tivesse feito as vontades de Franz Kafka ou Manuel Bandeira às de Mário de Andrade... Enfim, não posso acreditar que um escritor do porte de Fernando Sabino tenha produzido algo que fosse para deixar inédito. Todos perdem.

Para encerrar esta honesta indignação, lembra-me fazer um paralelo entre dois AR – Abgar Renault e Artur Rimbaud. Quis o destino que ambos fossem poetas de magnitude e que em determinada fase da vida largassem a poesia em troca da existência privada, dita normal, isto é, fossem cuidar da própria vida, livres da desilusão que a poesia nos envenena fazendo pensar que é, ela própria, caminho para a imortalidade.

Pois para nós, os condenados, interessa não o Rimbaud contrabandista e comerciante nem o Renault educador e político, mas sim nos embriagar com a poesia que em breve lapso de tempo ambos nos honraram legar. E nada mais.

Simplemente porque a vitalidade da obra supera a existência física de seu autor, cria alma própria, como se vê pelo que ocorreu a Jason Carneiro, a poesia de Abgar Renault sobrevive e em sua caminhada vai despejando sementes ao longo da vida. Assim será – a literatura ganha, todos ganham.

Em consequência teremos outras bonitas homenagens como esta que prestou Jason Carneiro a nosso ídolo Abgar Renault em comovida canção, que introduz o leitor à mágica aventura da própria poesia. É – como disse no início – poeta falando para poeta, um diálogo entre pares:

A saudação do peregrino

Poeta, eu vim para buscar-te
à lápide invisível que te oculta

sem te conter – o inútil monumento
à humana pretensão de atar o vento.

Em pessoa compareço ao teu espírito
e nele vejo a noite, dentro dela um curral,
ali um último boi, uma cidade ao longe
e um Ford fordejando na descalça rua,
na alegria da manhã seguinte.

A mim, Poeta, dói-me o que sou.
Doem-me as coisas deste mundo, dói-me saber
da negra solidão que avança sobre os prados
e sobre as casas, e sobre as almas,
e sobre mim. Dói-me o tempo
de estar sem ti num mundo que te esquece
quando eras, mais que necessário, visceral.
Dói não seres mais. Onde a tua voz
no alvoroço deste mundo (e a estrela,
quem louvará?) perdido? Ó azáfama infecundo,
a pressa de buscar e ser o quê,
não sei aonde.

Dói-me o que fez de si o mundo. Dói-me dormires
em Sofotulafai, em Túnis, Barbacena,
a tua gráfica velhice, dói-me o medo
conspurado de certeza que cantaste
de uma morte que, se enfim chegou, pouco pôde contra ti.

Repetir os versos e as lágrimas e os versos:
eis o que te posso dar, Poeta, eis o que faço,
humildemente, a mão buscando a tua,
nos bergantins dos teus velhos sapatos,
no teu chapéu sonhador,
no desvairo, no goivo, no alaúde.

Si je pouvais à peine prendre ta main,
seria hoje centenário, e nenhuma neve
ferveria neste coração que trago e deixo.

(15/04/2001 – Centenário de Abgar Renault)



O que mamãe me ensinou

Toda vez que lia uma coisa sobre a inferioridade da mulher diante do homem mamãe sorria. Quanta bobagem meu Deus! Era só o que conseguia dizer. O quê mamãe? Essas coisas que escrevem sobre a mulher. Quem escreveu isso não lê história, não vê a participação ativa da mulher desde Eva. Logo, o erro é tratar a mulher como ser inferior. Ester, Cleópatra, Judite, Joana d'Arc, Eva Curie, Anita Garibaldi, meu Deus, milhares de mulheres poderosas tiveram missão importante na humanidade. Será que esse povo não lê?

Mamãe está cheia de razão. Ainda mais agora que alguns estudos quebraram a rotina machista e passaram a considerar, com fundamentados argumentos científicos que, se alguém foi produzido de uma costela, fomos nós os homens. Sim senhor, já existe prova científica que Deus fez antes a mulher e que o homem é produto de uma costela de Eva! Provavelmente isso elidirá outra dúvida atroz que nos persegue há milênios: a galinha surgiu antes do ovo. Sem trocadilhos, por favor – e não tentem minimizar a importância do fato.

Não tenho a mínima pretensão de mapear a trajetória desta mulher que chegou aos 94 anos falando muito pouco, agindo sem que seus atos fossem percebidos e mais silenciosamente ainda tenha conseguido cuidar de oito filhos levando-os à idade adulta vivos, com raras fraturas físicas e morais, porque seria contar a história de milhares de mulheres brasileiras. Mas se fosse aceitar este desafio teria que penetrar também na vida de suas cinco irmãs ainda vivas, todas elas passadas dos 80 anos de idade, a mais velha das quais já conta os 96 anos de idade. Todas já rezaram sobre os túmulos de seus maridos, as mais afoitas, mais de uma vez.

Quando só restou um marido e a mesa de pontinho ou buraco se reunia, era triste vê-lo ali, o bendito é o fruto entre as mulheres. Ficava num cantinho vendo televisão e bebericando a única dose de uísque que lhe era permitido degustar em mais de três horas de jogo, mordiscando uma castanha de caju nos intervalos entre dois golinhos econômicos. Reparei que volta e meia ele ia ao banheiro para mijar e voltava com as faces mais afogadas. Meu senso detetivesco não falhou: esbarrando

acidentalmente nele descobri que carregava uma provável garrafa sobressalente dentro da cueca. Se eu estava lá, era a salvação da lavoura.

Ficávamos horas e horas discutindo futebol, política e previsão de tempo. Mas na maioria das vezes eu gostava de ver suas reações diante das fofocas que ecoavam da mesa, dos comentários sobre cada rodada, dos sentimentos que afloravam quando as cinco irmãs se deparavam naquele desafio, nas mordidas que uma dava na outra no auge da raiva repentina, que resultavam em pequenos xingamentos e observações irônicas.

Vermelho também ficava o pescoço dele quando os ouvidos apurados pescavam uma das centenas de piadinhas que ouvia das irmãs a seu respeito. Sentia-se o verdadeiro estorvo, uma mala sem alça. Até hoje não sei mesmo se o ele morreu de deficiência renal como constava ou se foi assassinado pelas cunhadas viúvas, envenenado com curare, como num enredo de Agatha Christie.

O jogo preferido da turma passou a ser o pontinho porque envolvia dinheiro. Como todos sabem o jogo é proibido, pois acreditem, as velhinhas desdenhavam a justiça e as leis, arriscavam a liberdade, mas jamais deixaram de praticar o pôquer e o pontinho a valer. Aliás, a mesa de jogo ficou famosa para mamãe, porque em noventa por cento das vezes era ela quem saía com uns trocados. E a danada nunca declarou um tostão ao imposto de renda.

Nessas ocasiões era a única vez que via mamãe apertar os olhinhos azuis e esticar as rugas que cercavam a boca num rito mordaz. Vingava-se por ser tratada como uma semi-retardada pelas irmãs porque as mãos tremiam muito e ela não mais refletia tão rapidamente. Era acusada de atrasar o jogo e a agressão chegou a tal ponto que o conselho das irmãs se reuniu e decidiu pela eliminação sumária de mamãe da mesa.

As mães não têm o hábito de contar sua história aos filhos. Isso é ruim. Mas das coisas que mamãe contou de sua juventude algumas dão conta de que estava antenada com o mundo exercendo uma rebeldia própria. Estudou em escola de freiras, dedilhava violão em serestas, tocava piano nos saraus, escrevia poesia e prosa para jornais e fumava – o ai meu deus! da época dos atrevimentos.

Quando o velho apareceu em sua vida – um funcionário público itinerante que vivia metido com os índios a serviço do SPI, rapagão de 1,85m, nariz adunco e cabelos negros trazidos do sangue italiano, ela transgrediu mais uma vez e se apaixonou. Mas o pouco que se sabia dele era que era um vagabundo errante que vivia de trabalho em trabalho em busca de aventura, com trânsito na Argentina, USA e outros países latino-americanos. Um perigo para as donzelas.

Pois foi só proibir para dar o gosto. Não era o príncipe encantado num alazão, mas o velho consumou o sequestro num vagão de trem, viajando a uma distância segura para se casar. Fato consumado, não teve a família como rejeitá-lo. O aventureiro estava domado.

A mais forte lembrança que tenho de mamãe, porém, foi vê-la se interpondo entre o marido e os filhos, quando estes eram severamente punidos pelas molecagens que faziam. O velho sabia bater. Lembro-me do porte altivo dela encarando meu pai, desafiando-o ante a provável ameaça de agressão a ela mesma: “Vais me bater? Levanta a mão, levanta!”

Por algum motivo ou mistério que até hoje não consigo entender, o velho não tinha opção senão recuar. Já rapaz, no silêncio da noite, descobri que ela o mantinha sob controle usando o poder que todas as mulheres possuem: o amor. Mamãe sabia a hora de fechar as pernas.

Durante sua juventude todas as reclamações caíam sobre ela. Liderava as transgressões tanto para incitá-las como para assumir sozinha a responsabilidade. Era líder. Um dia desses, depois de 94 anos cumpridos, mamãe resolveu que podia contar seus segredos aos filhos, todos adentrando a terceira idade. Tenho tanta coisa pra contar, disse ela pensativa à minha irmã. O quê mamãe? Conte então. Eu tive um caso com o chefe de teu pai.

Pano rapidíssimo.

O quê? Minha irmã boquiaberta, desconcertada e irada procurou saber detalhes. Os quais a velha preferiu preservar, diante desta ação reacionária que ela naturalmente não esperou. E calou-se para sempre. Quem diria, minha mãe, uma Messalina!

Uma vez surpreendi as netas de olhos arregalados ouvindo-a narrar tais aventuras e outras que não nos contou. Não se sabe

por que, mas as avós confiam mais nas netas do que nos filhos. Minha filha veio me informar: Pai, você sabia que vovó perdeu a virgindade aos 15 anos? Um espanto para a época, principalmente porque não engravidou.

E mais: representou peças no teatro no tempo que atrizes eram prostitutas, liderou a primeira greve das operárias empregadas da Fábrica de Tecidos Rio Anil, escreveu artigos inflamados nos jornais de oposição, participou de passeatas junto com estudantes de Direito! Por essas e outras atitudes foi detida várias vezes e entregue diretamente nas mãos do pai para as penalidades e corretivos domiciliares devidos.

Não me perguntem por que escrevo tais coisas. São pedaços trazidos da última visita que fiz a ela. Fiquei triste ver uma mulher sempre muito ativa atada a uma maca de hospital aonde chegou andando, falando lucidamente, para se tornar mais uma vítima desta medicina cruel que nos oprime.

Que poder tem esta máfia de branco (cuja ética atual é o valor do Plano de Saúde), de transformar pacientes em prisioneiros, sem consultar parentes? O que fazer quando o tratamento para o qual foi internado é desviado e ao invés da alta é submetido a procedimentos imprevistos e não autorizados?

Foi triste vê-la, mamãe, triste vê-la entubada, cheia de medicamentos que nunca tomou durante toda a vida, cercada de aparelhos, medidores, agulhas, soros – por conta de quê? Pois, qual a sobrevida que se garante a alguém com 94 anos de idade? Não tem explicação.

Meu testamento? Nunca me leve a hospital, enterre meu coração em Atins...

Publicado: 1.12.2004

© Salomão Rovedo

Parte II

A poesia passou por aqui

Por que Beethoven me enlouquece

Primeiro Movimento: Ouro

Por causa dessa mania de querer provar o após alma,
Que a Eternidade existe, só porque ele é semi-eterno...

Ele fica ali, mais em cima do muro que mineiro bobo,
Enquanto distorce o mundo cuidadosamente arrumado.

Ora, Beethoven pára com isso! Para que esse Quarteto,
Irmão dos mariachis empoeirados vindos do México?

Pensa que não sei a distância burra: Viena a Nova York
E o quanto se masca mescalina na Cidade do México?

Esses teus quartetos, fractais detonados, querem dizer:
– Só eu sei: a eternidade existe, muda, do lado de cá.

Pensa que não ouvi aquelas entonações negras, negras,
Como os negros e as negras, negras do Harlem?

A eternidade existe do lado de lá, existe onde se purga
Os amores quase eternos, onde o branco vira preto, etc.

Somente o vento sabe porque Beethoven me enlouquece...

Segundo Movimento: Prata

(Sonata para piano Op.101)

Com veneração. Mas não irei muito longe de joelhos.
Ninguém dirá de mim: desviou-se dos limites da terra.
Ninguém ouvirá o casamento do som com o silêncio.
Tremerão os teatros quando troar as últimas sonatas?
Libertar-se-á a música completamente das convenções?
Ninguém tapará os ouvidos aos meus dedos chocantes.
Novas linguagens, nada de profunda espiritualização...

Realidade, realidade e nenhuma imagem visionárias.
Rompe-se o universo concreto do som e do silêncio.
A mútua interligação de movimentos não é sofisma:

Nas teclas caminham os mesmos personagens cíclicos,
Quando irromper ondas de canções *A amada distante*.
Alma estática, som possuído, sensibilidade suicida...
Compor pelo pão de cada dia – pensar que cheguei a isto.

(Sonata para piano Op.106)

Compor pelo pão de cada dia – como cheguei a isto?
Agora que penso nela dia e noite, tudo vai melhor.
Uma pessoa subirá aos céus sofrendo de insegurança,
Perseguido por enfermidades físicas e temor da morte.
Arte e obra são mais importantes que comer, beber, amar?
Dominar o significado, amanhecer em si ou na música...
Um compositor medíocre suplanta a incapacidade de ouvir?
Anseio dúbio: 1) Ser reconhecido após anos de tormenta,
2) Sublimar-se nas Sonatas e Quartetos. Posso também calar,
Mas irmanado com o silêncio e com o som – santa liturgia
De quando o sacramento penetra no contexto do silêncio...
Lembra a vibração, águas em silêncio, música autônoma.
Alcançar o âmago, a alma estática do som – o insondável.

Terceiro Movimento: Bronze

Ouvir Beethoven, explorar Beethoven:
Ainda não, ainda não chegou a hora
De falar em tomates e repolhos podres.

– Ninguém será feliz antes de morrer:
Quando Beethoven *inacabou* a Sonata 32,
Mil rainhas e reis foram guilhotinados.

Escalavrar Beethoven, viver Beethoven:
Mesmo se felicidade e infelicidade vão
Todo tempo se esbarrando aos tropeços.

Os deuses colhem os que morrem novos:
Possivelmente no ardor da lembrança
Terna, supérflua, leve, que cala o coração.

Adagio Beethoven, *Maestoso* Beethoven:
Quem está disposto a atravessar o Estige,
Passageiro da barca do bêbado Caronte?

E agora o rapazinho de dedos calejados,
Gozando o ápice no seio da solfa, reina na
Arietta, no *Adagio semplice e cantabile*.

Degustar Beethoven, digerir Beethoven:
Quando sonatas se transformam em grama,
Enquanto Chopin refloresce na Primavera.

No entanto eis aqui a florida Era do Jazz,
O alemão sacana rebrota em pleno Harlem,
Pulula negro, Beethoven destila puro jazz

– A Sonata 32 não acabou, meus amigos...

Quarto Movimento: Platina

Quando Beethoven ainda escutava
Toda a música invadia seus ouvidos.
Como poderia ele saber do silêncio
Que havia catalisado entre espaços?

Tudo era música, o pássaro trinava,
Música no mínimo outono, ruídos...
Para ele o som existia também se o
Vento gemia trêmulos compassos.

Um dia não escutou o próprio grito,
O som virou alma, líquen espesso.
Notas fluíram do ínfimo recôndito:

Surpresa, semente, espírito, avesso.
Calado o mundo em silêncio mouro,
O alquimista decompôs som em ouro.

Quinto Movimento: Barro

Sim, porque somos imortais é que enlouquecemos.
Quando meu amigo Beethoven escreveu os últimos
Quartetos de Cordas andou cavoucando o silêncio
O eco de inimagináveis ancestrais: – O quê sou?

Porque somos imortais, o veio profundo da Terra,
Indagamos o porquê do ovo do ovo, a raiz da raiz.
Os gritos ministrados ao som mais puro das cordas,
Reina e tudo rege unicamente o Império da Música.

Quando meu amigo Beethoven ficou muito doidão,
Quis antever o som futuro, que ainda não chegara.
Trancou todos os tons lancinantes, as frases felizes,
E sorriu, sorriu sim – só então reconheceu o não-fim.

15 Spirituals

1.

Deixando a terra para trás,
(vulva causal do diabo fêmea),
o princípio, o caminho, o fim,
a gruta armorial, o sentido.

Deixando a terra, deixando
– quem sabe – o que fez?
Percorrer o caminho torto,
– quem mais louco? – Eu.

No meio do sono o pesadelo
incomodando os vizinhos:
chamas gritam pelos mortos.

No meio do sonho o pesadelo
(almas clamam pelo irmão),
o vizinho reclama aos gritos.

2.

O poeta fuma charuto
(fumaça azulada, cheirosa).
O poeta fala com amigos
(conversa de bar *pé sujo*).
O poeta bebe vinho tinto
(âmbar, seco, álcree, sangue).
O poeta divide a despesa
(mas não reparte o poema).
A poesia atravessa a rua,
vem como garoa, vento frio,
com pernas, quadris, lábios...
O desejo passeia na calçada
(a mulher passa, alheia, bela),
– poesia que o poeta deseja.

3.

A sinfonia de Mendelssohn
enfeita a alva noite sem luar.
É bem melhor assim do que
a noite só e sem mágoa.

A noite sucede as mulheres,
(especificamente – a mulher),
porque era dia quando acordo
sentindo Eva grudada a mim.

Serpente – semente de mim –
o sorriso de pele branca
(uma alvura de passarinho).

Quociente, verso, senha: criança,
insinuando ruas, rota, norte,
– e quando chega é noite, é dia...

4.

Esta melodia é bem ela agora.
Antes era fogo, vulcão, lava.
Agora é regato sereno e mar.
Agora é mata sombrosa e limo.
E ninguém transfigurou. Quem?
Sempre foi a calma insinuante.
Sempre foi repouso, olhos, o céu.
Sempre foi frágua, riso, música.
Estava no subsolo a semente.
E antes que o tempo ressecasse
brota a lágrima, nasce o cristal.
Que sonora voz espirituosa!
A rica lembrança vem fustigar
a paixão que ainda sinto por ela.

5.

Quando foi do fim e do tempo.
Quando foi a paisagem da fala.
Quando foi da estrada o espaço.
Quando foi a música que cala.

Quando for a memória e o vento.
Quando for o silêncio ou grito.
Quando for a passagem do nada.
Quando for carinhoso o seu beijo.

Muito será o tempo de amar.
Muito será o tempo de fuga.
Muito será o tempo do desejo.

Muitos anos terão o tempo e o ser.

Muito amor terá o amor e o mar.
Muito ardor terá o corpo. E somos.

6.

O poeta engole suspiros. Adjetivos
povoam o espaço. Sobre a mesa
servem-se substantivos à farta.
E mais: superlativos, dós, bemóis.

Escrever é para hoje: nem para
o futuro, nem para a gaveta, nem.
Da fala primeira nasceu a palavra,
porque do escrever nasceu a letra.

Música e tom, coração e alma
(calma, calma, nada disso existe):
o poeta não canta alegre – nem.

Morrer antes de ser, de nascer.
Para quê? A leitura escravizada,
a releitura livre e eternamente.

7.

O espaço que Deus ocupa e arde,
promete o Paraíso, a ambiguidade
da vida ad aeternum. E fazer poesia
através do rito da passagem, viés.

Pode ser Deus ou espectro corporal
o que nos arrebatava da idade, cosmos.
Mesmo assim seremos o terreno vão,
aonde a semente final, ente, adormece.

A confissão nos faz leves, mais leves,
o canto de paz aterroriza a catedral,
no genuflexório a hóstia faz os homens.

É ilusão de alvorada, sonho o sol ocaso,
o colorido imorredouro do arco-íris,
e em nós a lua que nasce, vive e morre.

8.

Quem vai saber a lembrança do tempo?
Deus abençoa o sonhador e o sentimento.

Não morre não, apenas escreve poesia,
apenas relembra a estrada difícil, o pó.

Deus abençoa a poesia que corre na veia:
ela vem a ser a transfusão dos tempos.
A vida é estéril, não é fácil, não é fácil,
mesmo que escrevamos com cinzel...

Finalmente estou no quarto branco que
penetro com todas as letras, não importa,
não importa se a vida é um lenço branco.

Deus abençoa o substantivo, o adjetivo,
a gramática, o verbo, o coração que late,
que vai saborear a lembrança do tempo.

9.

Arderá a palavra substantiva, a gramática,
arderá a fala que desdiz, arderá o silêncio.
E do silêncio se refundirão ouro e prata,
amalgama existente entre o veio e a nuca.
Arderão todos os adjetivos, erros fatais:
como ressoará a fala no árido desterro?
Ninguém apreende o método do ermitão,
a aula do eremita, voz que soa no deserto.
Todo o espaço tomou a forma de palavra:
no plantio o adjetivo, o verbo, o substantivo.
(Semearás teu próprio sustento com o suor
do rosto irrigarás a terra, a lavra do verbo.)
Florirá a palavra, o substantivo, a gramática,
florirá a lavra que tudo diz: arderá o silêncio.

10.

Morrer é ir ou coisa parecida,
como o dia chato e graxento,
que encharca a terra de sal
e enerva as colinas de musgo.

Não, não pode ser diferente
que beber uma cerveja gelada
e comentar com os amigos
o resultado do jogo de futebol.

Ou ler um livro de poesia e
ouvir música feita sob medida,

coisas assim que parecem vãs.

Abraçar um corpo por inteiro,
beijar lábios que oferecem vida,
amar a mulher todas as manhãs

11.

tu és a poesia
que tenho de cantar

tentáculo em forma
de raiz que nutre
na realidade
o tubérculo no peito

as contas do rosário
o canto orfeônico

sem desculpas a dar
sem regra ou medida
não importa a voz
a gramática o silêncio

tu és a poesia:
e tenho que cantar

12.

São as colinas de sal e sol
o entardecer verde e roxo
são as águas-vivas na areia
os galhos podres na praia
o silêncio da onda quebrando
enquanto pescadores arrastam
arrastam a rede no quebra-mar
são as algas flutuando ao léu
à noite que chega a barlavento
são as altas palmeiras penteadas
o som das dunas que se movem
são crianças saltitando piruetas
alguma novela de amor na TV:
todo o Universo relembra você.

13.

Foi o automóvel quebrado, as rodas

partidas, a porta amassada, vidros,
o nariz acidentado, o braço fraturado.

Enquanto não há ocaso, nem sol,
nem vento, nem cor, enquanto as
nuvens soçobram, a areia suja os pés
descalços, sobre nós abençoada chuva.

Cai o silêncio sob o teto aguado,
o respirar de paciente na UTI,
a tranquilidade de interior de igreja,
uma paz posterior à confissão...

Garçom traz cerveja, dois copos bem
gelados, meia dúzia de caranguejos
cozidos, farofa, molho de vinagrete:
eis-nos de novo ante um almoço farto.

14.

Agora que a paz reina impositiva e
que só existe o hálito da recordação.
Agora que o amor mudou e se esvai,
o bem e o mal nos trespassam, e não.

Fotografias, ruínas, nada revive, ai,
sequer recende aroma do amor, não
alimenta a alma abandonada, cai,
nem faz latejar a mínima comoção.

Se não existe o elo o que conta mais?
Se a música não une, a dor, nem riso,
a confiança, cartas, a cumplicidade,

nem mesmo – quem dera! – felicidade,
de Davi adoto a emoção, o novo sorriso:
é ele que alimenta esta solidão de paz.

15.

É pegar ou largar esse coração construído
em nervos, lágrimas e almas.
Aqui passou a dor, mas a alegria sobreviveu,
a comoção vestiu-se de cor.

As letras, as frases, semearam de música
o ar, a seara se contaminou de luz.

A flor que é a flor, a rosa se fez geleia, doce,
o mel respingou nas frutas.

O colorido da pele sob o suor moreno,
salgado, salgou de salobre a saliva.
Ardeu em fogo a restinga rasa trespassada,
quando a língua não disse palavra.

Gemeu o gemido vasto, mudo, canto de uiara,
urro dos porões, de dor torturada, doída.
Era amar, era o mar, era o amor.
O amoroso mar salva-vidas, lágrima insalubre.

Era o amor, era amar.

Amo

Quero dizer que te amo
E outras coisas frugais
Meu essa boca aquecida
Ora vaga pelo espaço
Sabe que o amor é teia.

Quero dizer que te amo
E mais histórias banais
Que lembrem o abismo
Somente para separar
O joio, o trigo, esta veia.

Quero dizer que te amo
Como às formas fractais
Tipo paixão desarvorada
Que vaga começa termina
Pode ser que não queira.

Quero dizer que te amo
E outras coisinhas mais
Falar da unha encravada
De como parei de fumar
Assim me chegar a você.

Quero dizer que te amo
Amo teus artigos iguais
Cara consigo ler de porre
Durmo sem tomar banho
Calçados sapato e meia.

Ainda dizer que te amo.

X-Blues

O porquê:

Sabe este mundo à pressa
em que o tempo é a curva
e não se ouve um segundo?
Por isso surgem as letras
seguidas de vastos gestos
para chegar aos mínimos.

O quando:

Pode ser naquela esquina
numa escala em Brasília
amando voos atrasados.
Onde cruzarmos abraços
será meu céu sem limites
uma fronteira na orelha.

O motivo:

Que era bom ter o sorriso
na proximidade dos poros
ou em gestual purificação
massagear-lhe o pé cigano.
E vê-la tão profundamente
até nossas íris se amarem.

A cena:

É a palavra que vai e vem
enquanto o blues tentacular
elimina os últimos vestígios
da lágrima que corre a face.
As linhas dos lábios densos
são marcas de um desatino.

O encontro:

Calça jeans e blusa branca
cabelos castanhos rebeldes
eis como a mim encontrará.

Não falou de unhas pintadas
ou dos braços bem abertos
com que me recepcionou.

O milagre:

Dês que me dês os desejos
praia e dunas de epiderme
o olhar nu tocando o olho
a visão mínima das réstias
beberei só o odor da vasa
cheiro de espermas no ar.

O adeus:

Não sei se foi uma lágrima
água dos cabelos molhados
mas vi soçobrar um sorriso
na desesperança de voltar:
nem o silêncio traz notícia
nem e-mail na caixa postal.

Finis:

Amor é igualzinho à palavra
Paz – são palavras fumaças
se desfazem ao primeiro tiro:
o amor termina no próximo
no desejo de outros amores
de outra paixão desvairada...

Espera

Apaga esse cigarro
Traz a taça de vinho
Não, não goza ainda,
Pára um bocadinho
Até acabar este verso.

Amanhã é domingo?
Ando perdido há dias
Não, não goza ainda,
Enxuga o corpo suado
Talvez não volte mais.

Não estou com pressa

O voo só sai amanhã
Não, não goza ainda,
Deixa acabar o filme
Afinal é do Glauber.

No planalto a manhã
Tem um matiz torto
Não, não goza ainda,
Levo com a fotografia
Esta vaga lembrança.

Algo me diz: é só hoje
Mas levo uma marca
Não, não goza ainda,
Nem faz promessas
Nem diz que me ama.

Ainda vou ao escritório
Encarar o trânsito ruim
Não, não goza ainda,
Somente o aeroporto
Impede de ficar contigo.

Menos

Amor, não diga que me ama,
o que eu preciso é tão pouco:
algumas sementes de romã
e umas lascas de gengibre
para esta garganta que arde.

Um travesseiro de pedras
que detone mil pesadelos
e provoque taquicardias
– o que preciso é tão pouco:
somente diga que me ama.

Não mande as fotografias
das luas e montes de Marte,
que é preciso muito pouco:
só algumas juras de amor,
nos arredores de Cachambi.

Não, não diga que me ama,
apenas recosta a cabeça,
canta a canção desafinada,

sorri esse riso desajeitado
– quem disse que é muito?

Assim posso ir e vir sempre
que a saudade doer lá dentro,
lembrar da torta de camarão,
amanhã despertar a teu lado,
é o que preciso – tão pouco.

Em desuso

Agora o corpo deslustra,
perde tesão, perde viço,
vivo filosofia e Zaratustra
e tudo em volta é feitiço.

Instou-me a largar a vida,
o meu ser música e poesia.
Ela não sabe que a vida
é amor, futebol, cantoria?

Que abandone o reggae
para me dedicar a Jesus:
como explicar que o reggae
é tudo que me seduz?

Implorou para não beber
a *amaldiçoada* cachacinha,
diz quando estou a beber
perco a razão e a linha...

Deixar de lado o chope,
passar o verão a orar...
Mas, veja bem, é o chope
que meu verão vem regar.

Segue a maior lengalenga,
rezando a mesma cartilha.
Ela só pára a cantilena
quando meu corpo partilha.

Pesadelo

Não é maromba urdida
que minha vista abala

nem é verdade boato
ou uma mentira crida,
o que vejo é paisagem,
verdadeiro panorama,
o sol no ocaso vermelho
(ou será seu nascimento,
a Alvorada do Homem?)
umas colinas campinas,
uma árvore só solitária,
umas ovelhas bastardas,
bodes caprinos caprinas,
cavalos éguas e crinas
vela enfunada ao vento,
eu resolvendo tudo na TV...

Fica louco quem me lê?
Assim fora eu santo, eu
penso irmão com o vento,
viajar leve a leve passarola
levar a vida tecida enredo,
estar das melhores a medo,
a fim do homem espanto,
o que se inverte me invento
rede pra pescar outra rede,
paisagem doutra paisagem,
assim fosse eu certo santo,
assim fora eu santo credo
sob cercado de paisagem,
sonho ilusório panorama,
sol pôr-se acaso vermelho,
será meu nascimento sim,
outra Alvorada do Homem...

4 Blues Enigmas

#1

Oh dúvida atroz! Diga-me:
Foi Beethoven um cagão?
Poderia ter avançado mais
Se não fosse um frouxo?

Ele estava com tudo na mão,
Chamavam-no louco famoso,
Mais surdo que uma pedra,
Era vantagem para declarar:

– Foda-se! Foda-se o mundo!
E ao fim compor algo além
Daquelas sonatas arrombadas
E alguns miseráveis quartetos.

Que serviram apenas para ser
Lembrado como um Gênio,
Deixar os ouvintes maníacos,
E inventar posições tântricas.

Mas por amar Mozart demais...

#2

Quando Maria Madalena, a bíblica putana,
se ajoelhou aos pés de Jesus para agradecer
por tê-la salvo da pena da morte a pedradas
(que bem merecia por ter corneado o marido),
enfim, lavou-lhe os pés ou fez-lhe um broche?

#3

Que sacana foste, hem Fernão P'ssoa,
grande sacanão, além de poltrão, pá!
Que herança deixaste além da poesia,
da magia negra e outras magias cultas?

Com o pseudônimo de Álvaro de Campos,
tal Walt Whitman fizeste poemas futuristas.

Por outro lado assinaste como Ricardo Reis,
as odes, elegias e o trobar português/gallego.
Alcunhado Alberto Caeiro traduziste sensação,
ironia, gozo, hedonismo qualira, D.H. Lawrence
metido à bosta a besta e a Sacher-Masoch...

Além d'alma escreveste *Livro do desassossego*,
alma morta, defunta, d'além ó Bernardo Soares?
Só para foder nossa paciência, ainda quiseste
emocionar sendo tu mesmo, tu próprio Fernão?

Ó P'ssoa dá um tempo caralho! Ninguém merece!
Com que pseudônimo entocavas rolas pelo reto?

#4

Aproveitando que é bem apessoado
um poeta notório aqui bem ao lado
(do qual só vos digo as iniciais:
JRFG), arrumou uma bela gatinha
para ler na cama poesias à noitinha
por conta de ensinar-lhe os beabás.

Mas a danada – que não é trouxa –,
aproveitando o estado quase broxa
que acompanha toda senectude,
do mestre destilou bem toda a lição:
hoje faz versos belos de montão,
mostrando o quão sábia é a juventude...

Mel

Quando a encontrei era só açúcar,
prazer, dança, doce de goiaba e mel.
Um mar de sal e sol para temperar,
vinho branco e, ou, cerveja gelada.

Criação boa à receita de felicidade:
e assim foi o tempo das maresias,
ondas rasteiras, espaços espectrais,
pores de sol. É verdade: o sol se põe?

Sei que estão pensando que vou falar:
Agora tudo é fel (para rimar com mel),
mas que nada, só a distância atrapalha
a convulsão mansa de nossa pele úmida.

Se for possível, continua doce, mel e mel,
bacuri em calda, condimentos picantes,
sorvete de juçara... Já falei dos lábios?
– Ara que boca! Ânsia devoradora! Ora...

Pluma

Que vida esperamos – Leve? Brava?
A música que aos poucos emociona.
Que peso carregamos – Brita? Seixo?
Página plantada cheia de palavras.

Que semente somos – Seiva? Brisa?
Um estado de latente hibernação.

Que presságio fizemos – Beijo? Teso?
O silêncio dos sons em vice-versa.

Que palavra repetimos – Arma? Breve?
A impunidade que se torna imortal.
Que corpo queremos – Santo? Belo?
Não haverá mais crime sem amor.

Que destino amamos – Bruto? Morto?
Hospitais campos de concentração.

Xenia

És tu minha amiga que não esquece a existência da luz,
que enfrenta o brilho com a garra suicida das mariposas.

Estamos juntos nesta distância agarrados pelos versos
que outros poetas descrevem um mundo de eterna paz.

Tristes poetas de cujas almas a palavra tenebrosa foge,
que se alimentam das explosões transgênicas da guerra.

A eles não perpassa a batalha que as vísceras impõem
para que as noites e os dias sejam tão curtos e alegres.

Na tua mesa posta serves palavras, versos, cores, brilho:
como uma mãe leoa proteges os amigos dos dias turvos.

A sereia esqueceu os rituais feiticeiros de Copacabana,
a hora de marcar passagem, o tempo de reencontros.

És tu a minha amiga que desdenha o viés de alguma cruz,
no entanto, parece que foi ontem, éramos difíceis e sós.

Ainda bem que teremos tempo para um mergulho duplo
no Rio Preguiça qualquer dia desses numa noite de verão.

Ablação

Toda vez que tento beijar teu
coração
esbarro no teu seio esquerdo.
Lesmo escorregadio vou às
axilas
úmidas de suor desodorante.

Ricocheteio até teu maternal
colo
esqueço os seios de mamãe.
Após um salto mortal voo à
nuca
cheirada, fungada, arrepiada.

Da escalada revolteio na tua
orelha
mariposeio a língua quente...
Escorrego desmaiado ao teu
ombro:
pra que esses olhos virados?

Faleço neste ritual num outro
seio
devorado pela mastectomia.

Rito de Passagem

Mandei quebrar as calçadas, os muros,
as paredes do quarto de empregada,
já vendi todos os meus discos long-play
e alguns de 78 rpm que vovó me deixou.

O mesmo muro que era pintado de azul,
é hora de arrancar pulsos, pregos de aço,
derramar na pia as garrafas de cachaça,
menos o licor de jenipapo no falso cristal.

Rasguei todas as cartas que recebi dela,
joguei fora o meu título de eleitor e o CIC,
desmontei as molduras, as fotografias,
as estantes da sala, cômodas do quarto.

Mandei vender cadeiras, banquinhos,
formatei o HD onde descrevi projectas
emoções: só o *prompt* DOS sobreviveu,
ah meus livros, raros e meus, foram-se.

Arrumei as garrafas de cerveja vazias
para devolver ao botequim do Manuel,
outro alguém terá livros e os quadros,
destrambelhados em suicídio coletivo...

Agora tudo vai ser caiado sobre o azul,
falta pouco, pouco tempo, falta pouco,
para retirar as fotografias, as molduras,
beber o licor de jenipapo do falso cristal.

Presságio

Tenho de ir um instante ao menos,
acenar para alguém que passou.

Nem todos têm tanta desventura,
mãe, por que agora crucificada?

É esta maré, a praia, a preamar,
jusante que se aproxima, a vida.

Somos teus filhos que amastes
os teus mais cruéis carcereiros?

Decerto é minha mãe que sorriu
já com o corpo próximo da pedra.

É possível degenerar em horror
o que foi algum dia esperança?

Eis no canto dos olhos úmidos,
é sim uma lágrima que reclama.

Algo há a ser feito, crime, crime,
o que pode ser dinheiro é vida?

Não deixa tanta dor às crianças
pois o certo é que não tenho fé.

Em quantos labirintos percorres
para não mais ouvir esta valsa?

Desculpe, mãe, por ter tirado a luz
do sol, da árvore, da água, da flor.

Furtei-te o canto das pipiras azuis,
a voz musical das crianças no mar...

Rio de Janeiro, Cachambi, 2001/2002.